KARINA SCHMIDT BRANCHER

**Entre a forja e a bigorna: a escrita de singularização do
psicanalista Gilberto Safra**

São Paulo

2012

KARINA SCHMIDT BRANCHER

**Entre a forja e a bigorna: a escrita de singularização do
psicanalista Gilberto Safra**

(Versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título de
mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Luis Cláudio Figueiredo

São Paulo

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Brancher, Karina Schmidt.

Entre a forja e a bigorna: a escrita de singularização do psicanalista Gilberto Safrá / Karina Schmidt Brancher; orientador Luís Cláudio Figueiredo. -- São Paulo, 2012.

90 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Safrá, Gilberto 3. Winnicott, Donald Woods, 1896-1971 4. Desconstrução I. Título.

RC504

Nome: BRANCHER, Karina Schmidt

Título: Entre a forja e a bigorna: a escrita de singularização do
psicanalista Gilberto Safra

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título de
mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Luis Cláudio Figueiredo

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Nome: Prof. Dr. Luis Cláudio M. Figueiredo

Nome: Prof. Dr. Andrés Eduardo A. Antunez

Nome: Dra. Fátima R. F. C. De A. Graça

*Aos meus pais, Celito e Ursula, com imensa gratidão pelo exemplo de amor,
dedicação, paciência e coragem na criação de seus filhos.*

Agradecimentos

Agradeço

Ao Luís Cláudio Figueiredo, que me ensinou, dentre muitas outras valiosas coisas, que o mestrado é importante, mas a vida é muito mais, indiscutivelmente mais, impreterivelmente mais.

Ao Gilberto Safra, que me ensinou a amar minhas perguntas.

Ao Daniel Kupermann, que me ensinou que os analistas que adoecem são os melhores.

Ao José Moura Gonçalves Filho, o Zeca, que me ensinou a cultivar minhas virtudes porque cultivava as suas.

Ao Andrés Eduardo Aguirre Antunez, que me ensinou que a simplicidade do humano é o mais profundo.

À Fátima Flórido, que me ensinou que as palavras entram e saem.

Ao Rafael Alves Lima, que me ensinou que a amizade é um amor que nunca morre.

À Maíra Mamud Godói Mourão, que me ensinou que a solidão pode ser compartilhada.

À Thaís Mariana Arantes, que me ensinou que o perdão é coisa de gente grande.

À Renata Pinotti Alves, que me ensinou a acreditar no poder das coisas que não existem.

Ao Wilson Franco, que me ensinou que minha escrita é acompanhada de angústia, lenço e lágrima.

Ao Juliano Pessanha, que me ensinou que é possível ter eco embaixo d'água.

À Cristina Machado, que me ensinou que carregar nossa cruz não precisa ser um trabalho solitário.

Ao Tales Ab'Sáber, que me ensinou que um giz pode virar psicanálise.

Aos amigos da Psico USP, que me ensinaram que a psicologia é muito mais que uma ciência, é um estilo de ser.

Aos funcionários da Psico USP, que me ensinaram que o cotidiano é o que no salva.

Aos amigos da Clínica da Alves, que me ensinaram que as diferenças são o que nos fazem próximos.

Ao meus amigos do grupo de orientação, que me ensinaram que o rigor pode ser banhado à cachaça e amizade.

Aos meus pais, irmão e nona, que me ensinaram que a nossa família é a casa que levamos para sempre dentro de nós.

Aos meus pacientes, que me ensinaram a acreditar em meus sonhos, acreditando nos deles.

Ao Anderson, meu Lindo, que me ensinou que o amor pode ser praticado, além de sonhado.

À Sônia, secretária do departamento de psicologia experimental, que me ensinou sobre disciplina.

À Capes, pela concessão da bolsa de pesquisa que possibilitou a feitura dessa dissertação

“O senhor é tão moço, tão aquém de todo começar que rogo, como melhor posso, ter paciência com tudo o que há para resolver em seu coração e procurar amar as próprias perguntas como quartos fechados ou livros escritos num idioma muito estrangeiro. Não busque por enquanto respostas que não lhe podem ser dadas, porque não as poderia viver. Pois trata-se precisamente de viver tudo. Viva por enquanto as perguntas. Talvez depois, aos poucos, sem que o perceba, num dia longínquo, consiga viver a resposta.”

Rainer Maria Rilke, *Cartas a um jovem poeta*, p. 43

Resumo

Brancher, K. S. (2012) *Entre a forja e a bigorna: a escrita de singularização do psicanalista Gilberto Safra*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ao longo da dissertação, para dar forma e legitimidade à intuição e à experiência emocional e intelectual que a autora teve com a obra do psicanalista brasileiro Gilberto Safra, foi empreendido o esforço de fabricar uma interpretação que acontecesse como reposta a esta obra. Para tanto, propusemos uma leitura pormenorizada (o que inclui a leitura sistemática e a leitura próxima desconstrutiva) de dois livros de Safra: *Momentos Mutativos em Psicanálise*, sua tese de doutorado e *A Face Estética do Self*, sua tese de livre docência. Este recorte da obra se ancorou na hipótese de que haveria algo na construção do pensamento psicanalítico de Safra que se modificou consideravelmente entre estes dois momentos de sua trajetória pessoal, autoral e na sua formação como analista. Em resposta a estas questões, uma leitura entrelaçada das teses que compõem seu pensamento psicanalítico com suas condições de possibilidade nos levou a compreender que a escrita de Safra deixa entrever o tortuoso movimento de busca de um analista por sua morada conceitual, ética e estética. O que está em jogo é sempre o processo de singularização: do analista, do paciente e das possibilidades de se fazer teoria e clínica psicanalíticas nos tempos atuais.

Palavras-chave: Psicanálise, Gilberto Safra, D. W. Winnicott, Desconstrução.

Abstract

Brancher, K. S. (2012) Between the forge and the anvil: the singularization writing of psychoanalyst Gilberto Safra. Master's Dissertation, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This dissertation, in order to shape and legitimize the author's intuition, and emotional and intellectual experience with the works of Brazilian psychoanalyst Gilberto Safra, strived to create an interpretation that could stand as answer to said works. As such, we proposed a detailed reading (which includes a systematic and then deconstructive reading) of two of Safra's books: *Mutative Moments in Psychoanalysis*, his doctoral thesis, and *The Aesthetic Face of the Self*, his associate professorship thesis. This partial selection of his work is anchored on the hypothesis that there would be something in the construction of Safra's psychoanalytical thinking which had been considerably altered between these two points in his personal and authorial trajectory, and his training as an analyst. In response to these questions, an interwoven reading of these theses which make up his psychoanalytical thought, with their conditions of possibility, led us to understand that Safra's writing allows us to glimpse an analyst's tortuous path in search of his conceptual, ethical and aesthetic references. What's at stake is always the singularization process: of the analyst, the patient and the possibilities of creating psychoanalytical theory and doing psychoanalytical clinic work in current times.

Key words: Psychoanalysis, Gilberto Safra, D. W. Winnicott, Deconstruction.

Sumário

1. Introdução

- informações introdutórias sobre Gilberto Safra 13
- a história do meu contato inicial com a obra e minhas afetações por ela 16

2. Justificativa do projeto

- a fabricação do estranho, ou como transformar a paixão em amor 21

3. Considerações Metodológicas

- a construção da plataforma de leitura: os pressupostos da desconstrução 26
- a escolha do recorte da obra 30

4. Lendo “Momentos Mutativos em Psicanálise”

- leitura sistemática 32
- leitura próxima desconstrutiva 44

5. Lendo “A Face Estética do Self”

- Leitura sistemática 52
- Leitura próxima desconstrutiva 74

6. Considerações (ou Reconstruções) Finais

- Gilberto Safra – Suas Teses 80
- Gilberto Safra – Seu Estilo 84
- E eu? 87

7. Referências Bibliográficas 88

1.Introdução

Informações introdutórias sobre Gilberto Safra

Gilberto Safra é um psicanalista brasileiro que vive atualmente em São Paulo. É professor titular do instituto de psicologia da Universidade de São Paulo (USP), desde 1984 e docente no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), desde 1990.

Graduou-se em Psicologia no Instituto de Psicologia da USP (IPUSP) em 1975. Iniciou seu percurso como clínico em 1977 (afirma isso em sua tese de doutorado, mas em seu penúltimo livro afirma que iniciou este percurso em 1972, como estagiário do Serviço de Higiene mental em São Paulo). Em 1984 conclui seu Mestrado em Psicologia Clínica na mesma instituição, sob orientação do professor Luis Carlos Nogueira. Em 1990 concluiu seu Doutorado em Psicologia Clínica, também no IPUSP, sob orientação do professor Ryad Simon. Por fim, sua tese de Livre Docência foi defendida em 1999, na mesma instituição. Depois deste percurso feito dentro dos moldes e muros da academia, escreveu mais quatro livros, os dois últimos datando de 2006. Fez sua análise bioniana (com o analista Manoel Lauriano Salgado de Castro, da SBPSP) por um período longo de tempo (aproximadamente 20 anos).

Em 1995 criou o LET, Laboratório de Estudos da Transicionalidade. Configura-se, nas palavras da própria organização do laboratório, como um espaço multidisciplinar de estudos, debates e pesquisas voltado para o desenvolvimento do pensamento clínico. Acontece na forma de seminários mensais sobre “temas de vanguarda” que são objeto da análise de Safra, aberto gratuitamente a quem interessar.

Em 2005 foi um dos fundadores das Edições Sobornost. De acordo com a nota dos editores de seu livro “Curando com histórias” (2005): “Sobornost é um projeto editorial que nasceu de um sonho dos alunos, colegas e amigos de Gilberto Safra – o sonho de ver o conteúdo de seus cursos e reflexões clínicas reunido tão logo quanto possível sob a forma de livros. (...) Espontaneamente, os alunos já vinham gravando em áudio os cursos e conferências de Gilberto Safra desde 1994. A partir de agosto de 2002 um grupo bastante dedicado assumiu os custos de gravar todas as aulas também em vídeo”, o que resultou na organização de um Acervo Professor Gilberto Safra, que disponibiliza para consulta as fitas de vídeo nas

bibliotecas do IPUSP e da PUC-SP. Fazem parte do projeto editorial duas coleções: “Cursos de Gilberto Safra”, constituída por livros organizados a partir da transcrição dos cursos acadêmicos de graduação e pós-graduação do professor, e “Pensamento Clínico de Gilberto Safra”, constituída por livros com “idéias originais deste psicanalista atento às exigências da contemporaneidade frente ao trabalho clínico”. Através desta editora publicou também mais de 250 títulos sob a forma de DVDs e CDs-MP3, que acompanham livretos.

Em 2006 fundou o Instituto Sobornost, que oferece cursos e programas de formação continuada (PROFOCO), a partir de sua perspectiva clínica, endereçados a terapeutas, profissionais, estudantes e estudiosos da área de saúde e de ciências humanas de uma forma geral. Objetiva a formação e reciclagem de clínicos num “setting mais flexível, mais maleável e mais amplo que o das faculdades e institutos convencionais de formação clínica, mas não menos rigoroso e consequente”.

Gilberto Safra é autor de 7 livros:

- Momentos mutativos em psicanálise: uma abordagem Winnicottiana. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. v. 1. 213p. (originalmente sua tese de doutorado).
- A face estética do self. 1 ed. São Paulo: Unimarco. 1999. v. 1. 164p / A face estética do self: teoria e clínica. 3 ed. São Paulo: Idéias e Letras. 2005. v.1. 174p./ A Face Estética do Self. 5. ed. Aparecida: Idéias e Letras. 2009. 174 p. (Originalmente sua tese de Livre Docência).
- A pó-ética na clínica contemporânea. São Paulo: Idéias e Letras. 2004. v. 1. 160p.
- Revisitando Piggle: um caso de psicanálise segundo a demanda. 1 ed. São Paulo: Sobornost. 2005. v. 1. 179p.
- Curando com histórias: a inclusão de pais na consulta terapêutica das crianças. 1 ed. São Paulo: Sobornost. 2005. v. 1. 98p. (Originalmente sua tese de mestrado)
- Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado e o silêncio. 1 ed. São Paulo: Sobornost. 2006. v. 1. 80p.
- Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal. 1 ed. São Paulo: Sobornost. 2006. v. 1. 169p.

Sua obra é recente, iniciou-se há 25 anos, na década de 80. Três de seus livros são fruto de trabalhos academicamente originados e endereçados. É autor de diversos artigos e capítulos de livros. Seu pensamento, porém, como afirmado anteriormente, tem sido registrado de diversas outras maneiras que não só pelas suas próprias mãos (videoconferências e transcrições transformadas em livros).

Gilberto é um autor-psicanalista contemporâneo que tem ocupado um espaço importante e cada vez mais notado dentro do campo psicanalítico, principalmente o que trata especificamente da clínica psicanalítica. Sua inserção no campo tem sido feita de maneira diversificada, como atesta seu percurso.

É considerado uma referência importante para aqueles que querem estudar a obra de Winnicott e, segundo as informações trazidas em seu site, “um exemplo de integração de elementos díspares (integra idéias de filósofos contemporâneos como Husserl, Edith Stein e Simone Weil, de místicos como Santa Teresa e Dionísio Aropagita, de teólogos russos como Soloviev e Florensky, de escritores como Dostoievski e Clarice Lispector e de poetas como Adélia Prado, Rubem Alves e Fernando Pessoa) a uma proposta que pretende expandir e redimensionar a teoria e prática psicanalíticas”.

A história do meu contato inicial com a obra e minhas afetações por ela

*“...De que modo vou abrir a janela, se não for doida?
Como a fecharei, se não for santa?”
Adélia Prado*

Eu me apaixonei por algo que Gilberto Safra tenta comunicar.

Pensei em muitas outras formas de dar início a esta história, mas nenhuma me pareceu tão honesta e correta quanto essa. Porque, começando desse jeito, deixo claro que se trata do testemunho de uma relação, do qual não se pode esperar, de antemão, imparcialidade e objetividade.

Este “objeto” de interesse tomou forma a partir do meu contato com os textos de Safra e com suas aulas e cursos, ainda na graduação em Psicologia, na Universidade de São Paulo, quando fui sua aluna. Li dois de seus livros e comecei a assistir algumas de suas aulas na pós-graduação e alguns cursos no chamado PROFOCO, do Instituto Sobornost. Já havia encontrado a obra do psicanalista Donald W. Winnicott em meu caminho de formação (um levou ao outro e o outro levou ao um, de maneira cruzada e sem forma lógica). Já havia, também, encontrado os pacientes e a clínica em meu caminho de vocação.

Vivi crises de choros incontornáveis quando da leitura de seu livro “A face estética do self”, e a experiência se repetiu quando da escuta de algumas de suas falas nos cursos. Fiquei assustada. Passei por experiências emocionais tão intensas que, hoje sei, exigiram um trabalho de elaboração, de simbolização... precisei dar lugar, nome, sentido àquilo. Traduzir em palavras. Precisei fazer um mestrado!

Fazer um mestrado para tentar compreender o objeto de minha paixão. Mas, para tanto, seria preciso (e eu não sabia disso) *transformar a paixão em amor*. Eu estava profundamente identificada com o texto de Safra, com a proposta terapêutica ali delineada, com uma clínica que eu procurava há tempos e pela qual eu acreditava poder me curar. E, para poder pensar, precisei me deslocar (tinha escrito descolar, ato falho interessante), tive que engendrar um processo de intimidade e distanciamento, de diferenciação.

A desidealização necessária para entender que um texto, um autor, um analista, uma clínica não nascem prontos e são, necessariamente, uma construção, que carrega em si suas imperfeições, incongruências e paradoxos, foi muito dolorida, trabalho de luto, trabalho de desconstrução (também de mim mesma).

Lendo o artigo da Inês Loureiro (in Queiroz e Silva, 2002), “Sobre algumas disposições metodológicas de inspiração Freudiana”, encontrei ali um alívio e um lugar. Consegui nomear o momento em que, por muito tempo, me encontrei na *travessia do deslocamento* que foi minha pesquisa (momento mutativo, sim, mas num sentido bem diferente do proposto por Gilberto, que é quando a necessidade encontra o objeto), momento de perda de si, frustração e decepção; passividade.

Transcrevo aqui uma citação do Luís Cláudio Figueiredo, que ela usa em seu ensaio:

“Por isso, a pesquisa científica acaba sempre, paradoxalmente, dependendo de acontecimentos e movimentos que escapam à posição teórica e à sua racionalidade. Os avanços científicos acabam dependendo de fatores do acaso, surpresa, susto, decepção, frustração etc. Em outras palavras, mesmo que a atividade científica exija razão e planejamento, estas dimensões por si sós não garantem aquela autonomia e exterioridade do objeto necessárias para dar à ciência sua razão de ser como desejo e procura do desconhecido. O pesquisador que age assentado apenas na posição teórica dirige-se somente ao que já conhece ou pressente, em busca de confirmações. A autonomia e a exterioridade do objeto precisam, portanto, ser reencontradas pela via do que escapa à procura racional, pela via dos afetos aparentados à surpresa e ao espanto, à frustração e à decepção. Só por esta trilha não pavimentada e cheia de acidentes a pesquisa progride e exige remanejamentos teóricos profundos e significativos que, por sua vez, abalam a segurança narcisista do pesquisador e lhe impõem momentos dolorosos e desestruturantes. Há, nestes casos, tanto uma perda de si como sujeito soberano da razão e da vontade, como uma perda de objetos que se supunha estivessem sob o controle da teoria. Quem não está psiquicamente apto a experimentar e a suportar a perda e a frustração não pode ser um bom pesquisador, embora possa ser um fiel e meticoloso funcionário burocrático do establishment acadêmico e científico”.

Eu sei que, durante muito tempo, estive perdida (de mim mesma e do objeto), e por isso a “coisa” foi bastante desestruturante. O momento de assumir, seguindo o argumento da autora, uma disposição mais ativa, segurar firmes as rédeas do processo, uma posição que

respondesse tanto aos padrões de apresentação e comunicabilidade próprias aos saberes universitários e aos prazos acadêmicos demorou a chegar.

Andei mais próxima dos meus abalos narcísicos que do meu objeto. Não é ele que ofereceu resistência, pensando melhor agora. Ou, melhor ainda, talvez o que tenha me assustado muito é que meu objeto, durante o percurso, parece ter mudado.

Eu acabei, na “trilha não pavimentada e cheia de acidentes”, por engendrar uma interpretação completamente nova para a minha pesquisa, comecei a olhá-la por um ângulo totalmente novo. A grande maioria das coisas que estudei e escrevi, até o momento da qualificação, foram sobre a metodologia de leitura, *sobre a posição subjetiva necessária a partir da qual se pode interpretar eficazmente*, sobre o método de acesso ao objeto. Eu percebi que o que eu julgava que era figura central em minha pesquisa (o texto de Safra), aos poucos foi tornando-se pano de fundo, e cada vez este pano estava mais imperceptível, mais tênue, foi virando moldura.

E por quê? Por quê? Talvez pela dificuldade, própria ao texto do Safra, e própria a minha postura psíquica em relação ao texto e ao que ele significa na minha história de vida, de *habitar um espaço paradoxal* em relação a esta questão. Meu “objeto transformacional”, (usando o conceito de Bollas (1992)), talvez tenha sido, por muito tempo e profundamente, as idéias do Gilberto (e do Winnicott) sobre o que possa ser o encontro psicanalítico. E agora, desde o início do mestrado, isso tem caído por terra. Fui obrigada a migrar, sair daquela instalação confortabilíssima, e me colocar à deriva.

Eu ainda estava à deriva, em relação àquele objeto perdido...o susto que levei nestes tempos foi o de perceber que eu já tinha achado uma outra casa, estava há tempos me instalando neste outro objeto transformacional, que é *o campo das condições de possibilidade de se construir uma plataforma de leitura*, um lugar de interpretação, um lugar de diferenciação, um lugar para pensar (e é o Winnicott que fala que o bebê começa a pensar quando a mãe começa a falhar...).

E essa mudança de posição deixou consequências. Eu me desapaixonei profundamente pela obra do Gilberto, esta é a verdade. Ainda não tinha conseguido transformá-la em amor. Acho que cheguei a odiá-la. Não conseguia mais voltar àquele lugar (inicial) sem uma sensação de que fui muito ingênua, de que acreditei cedo demais, de que a promessa de cura não é a cura, que a estrada nunca é completamente lisa, sem obstáculos, e, se for,

provavelmente o pedágio é muito caro... (por que alguém não quer deixar sua estrada ter as marcas do terreno que a sustenta, sempre tortuoso?).

Eu me desiludi. E, falando assim, percebi que estava iludida. Eu precisei dessa ilusão (bem aos termos winnicottianos), para poder continuar a ter esperança, continuar a caminhar. Mas então eu escolhi (por meio deste mestrado) trilhar um caminho que buscasse a descortinação desta ilusão, deste encantamento, desta ingenuidade? Busquei as irregularidades do terreno por baixo da “estrada perfeita”? Por que quis tanto pensar?

Talvez, como afirmei antes, para me diferenciar (e, então, poder amar). Mas, para isso, percebi (a duras penas) que o ódio é estágio obrigatório, força necessária para produzir transformação. A posição de estrangeirismo e a falta de lugar enraizado (o desamparo) são vizinhos deste ódio e amigos do processo de separação.

A *história da minha transferência* com o texto do Gilberto é bem mais profunda do que eu supunha, e talvez eu tenha feito muita força para deixá-la em um lugar subterrâneo. A paixão às vezes eclodiu com toda a força, exigiu passagem, cobrou sua legitimação. “Isto não é só um texto, é a representação de um lugar de salvação!”... Era, ao menos.

A dificuldade de habitar um lugar nômade, desamparado, frustrante, como dizia o artigo da Inês citando Figueiredo, me fez sofrer as dores deste caminhar. Precisei construir uma ponte – lugar transicional – de onde falar. *Deixar viver o estrangeiro (em mim e no texto) é saber amar*. A transformação subjetiva aconteceu, a sustentação deste processo foi bastante difícil, por isso trago estas questões a público, pedindo hospitalidade e um pouco de amparo.

Um trabalho focado no método (de leitura e interpretação) é um trabalho que versa sobre o encontro com a alteridade, mais que um trabalho que verse sobre a ética - espaço de existência comum. E é sobre isso que eu acho que (também) pesquisei, como é que se transforma a paixão em amor, *como é que podemos nos diferenciar e viver separados sem nos perder um do outro?* Um trabalho para chegar a habitar a Terra, a precária segurança da Terra, caminhando na contramão do encontro com o céu, tentando não cair no inferno, penando para não ficar aprisionada no limbo...

A ênfase desse percurso precisou ser direcionada para a construção das plataformas de leitura, para a dificuldade de se habitar um lugar paradoxal em relação à obra deste autor: facilmente causa adesão ou repulsa. Assim, entendi, não se pode (**facilmente**) usar a obra, profaná-la, o mais simples é adorá-la ou destruí-la, como a um ícone.

2. Da justificativa do projeto

A fabricação do estranho, ou como transformar a paixão em amor

Gilberto Safra e sua obra têm causado grande impacto no campo psicanalítico nacional, instigando tanto reações de encantamento como de repulsa. É muito citado como referência de trabalhos acadêmicos, existe um grupo de estudiosos que o acompanha há muitos anos e escreve sobre sua obra em um site, além do fato de o próprio Safra escrever um tanto em seus livros sobre as razões e sentidos de seu projeto intelectual. Porém, sua obra, como objeto de interpretação possível, ainda é muito pouco usada fora do círculo mais próximo do autor.

Até o momento, o que foi feito e registrado é uma resenha de seu livro “A pó-ética da clínica contemporânea”, feita por Luís Cláudio Figueiredo, publicada na revista *Psychê* (ano IX, nº 15, jan/jun/2005), o prefácio de seu livro “Momentos mutativos em psicanálise”, feita por Manuel Lauriano Salgado de Castro, o prefácio de seu livro “Curando com histórias”, feita por Kleber Duarte Barretto, a apresentação de seu livro “A face estética do self” (1999), também feita por Figueiredo e o prefácio de seu livro “A pó-ética na clínica contemporânea” (2004), feito por Tales A. M. Ab’Sáber. As respostas diretas a sua obra podem ser consideradas, apesar de potentes, tímidas e escassas, além de terem sido, todas elas, “encomendadas”, de certa forma. Este movimento em torno da obra dificulta e auxilia este projeto, denunciando seu caráter inaugural e eminentemente acadêmico.

A justificativa desta caminhada de investigação não é simples, muito menos é óbvia. Um ponto preliminar ao qual seria justo adentrar, então, é a resposta à pergunta do por que alguém resolve (e pode) estudar – ou engendrar num processo de interpretação – a obra de um autor que ainda não tem sua importância fortemente marcada na história do pensamento psicanalítico.

Curiosamente, o primeiro texto sugerido a mim pelo orientador dessa pesquisa, Luís Cláudio Figueiredo, chama-se “*A fabricação do estranho: notas sobre uma hermenêutica ‘negativa’*”, de sua autoria. Imediatamente atinei com o apontamento de uma situação óbvia, mas não totalmente consciente até o momento: eu provavelmente estava por demais

familiarizada com a obra deste autor, e isso poderia ser um problema, ou um indício de caminho a ser percorrido (questão tratada na introdução deste texto).

Bom, fui ao texto e lá encontrei matéria fecunda que me deu o que pensar. Explico. Tratando da interpretação, suas definições, funções, dimensões e alcances, Figueiredo (1994) aponta para uma concepção de interpretação diferente de outras duas, consideradas básicas, a saber, a da interpretação como uma espécie de juízo reprodutivo ou como uma espécie de criação, que seria a interpretação entendida como *resposta*.

Esta concepção advoga uma superação da relação sujeito-objeto, posicionando a interpretação como *realização de sentido*, ideia que se pretende distanciar da concepção de reprodução objetiva e de criação subjetiva de sentido, contidas nas definições de interpretação como juízo reprodutivo e como criação, respectivamente.

Responder ao texto, realizando um sentido. Mas antes deste confronto, para tanto, é necessário, segundo o autor, que “a obra já tenha feito seu próprio caminho na constituição do sujeito, deve tê-lo afetado, deve ter-se imposto a ele e nele engendrado experiências novas, surpreendentes, inquietantes, estimulantes, fascinantes e sedutoras, talvez dilacerantes, quem sabe angustiantes”. Estas experiências com a obra exigiriam tradução, e culminariam em uma interpretação que responde à obra, fala a obra, realiza a obra. É solicitada ao intérprete pois este teve de fato uma experiência propiciada pela obra. Torna-se exigência ao intérprete e, portanto, tem uma dimensão existencial. Esta irrupção experiencial do contato com a obra é designada pelo autor como *interpretação existencial*, tem pouco (e provoca pouco) distanciamento e análises objetivantes.

Sem dúvida meu contato com a obra de Safra operou em mim este tipo de experiência preñe de afetação. Adjetivos como “novo”, “surpreendente”, “inquietante”, “sedutor” fazem coro à minha vivência quando do encontro com este modo de pensar, compreender e interpretar a psicanálise. Mas Figueiredo adverte dos riscos deste tipo de contato com a obra, esta *interpretação existencial*: sua dinâmica pode ser defensiva.

Seguindo este percurso, pode-se “cair” em uma *hermenêutica da pura aproximação*: tentar trazer o outro muito precocemente para perto, dissolvendo a alteridade do outro de forma a integrá-la ao quadro de referências do intérprete, evitando, assim, o contato e os afetos com a obra na sua alteridade mesma. Ou, ainda, tentar transportar-se emotivamente até o outro, podendo ser assimilado por ele, ocasionando a dissolução do próprio intérprete na obra

e do encontro com a alteridade, novamente. Esta dinâmica defensiva da interpretação é mais inadequada quando no início há um excesso de familiaridade. Nas palavras do autor: “como interpretar um autor ou uma obra que participaram da minha própria constituição, que estão impregnados na minha sensibilidade e modelaram meu entendimento, por exemplo?”.

A interpretação como *acontecimento* propiciaria que a fala interpretativa fosse efetivamente da ordem de uma resposta à obra. Um encontro em campo comum, onde intérprete e obra deixaram-se fazer um pelo outro, acolhendo e ressoando alteridades próprias e alheias, permitiria ao intérprete deixar-se fazer pela obra e, ao responder a ela, interpreta, “realizando um sentido da obra” até então desconhecido. Isto feito, a interpretação converter-se-ia em *acontecimento*, momento significativo da história do intérprete e da obra, pela possibilidade de rompimento dos quadros de ligações e referências previamente estabelecidas entre intérprete e obra e posterior emergência de novas configurações.

A *fabricação do estranho* seria insígnia de boa interpretação, aquela que não reduz nem é defensiva. Aquela que seria capaz de conservar a estranheza da experiência que ela tentou traduzir e se esforçasse em ampliar as distâncias, operando desfamiliarização entre obra e intérprete e cada um de si mesmo, ao mesmo tempo.

Voltando à tentativa de responder/justificar as razões para se empreender a caminhada rumo ao estudo da obra do psicanalista brasileiro, penso poder afirmar que fui tomada pela premência de uma exigência de tradução, de forjar uma resposta que responde à obra, fala a obra, realiza a obra. Separar-me, continuando, ainda assim, junto.

Por (tudo) isso então, por acreditar que a influência do pensamento de Safran é muito mais ampla e profunda do que as referências explícitas a ele deixariam supor, por dar crédito à experiência que de fato tive da obra e que me moveu até esta pesquisa, pelos poucos, mas grandes, psicanalistas que escreveram e afirmaram a positividade da contribuição de Safran em nosso campo, e, também e antes, por acreditar que a psicanálise brasileira e contemporânea pode e deve ser vista e ouvida na legitimidade e concretude do lugar que ocupa na história desta disciplina, me autorizei a escolher este objeto como objeto de pesquisa.

A resposta mais sucinta seria talvez essa: porque existe uma obra e um intérprete. Ou, porque existe um pesquisador em psicanálise.

Assim, como consequência esperada, aos leitores (demais intérpretes) é dada a chance de aprofundar seu conhecimento da história da psicanálise (o que, de acordo com Ulhoa Cintra e

Figueiredo (2004), permite compreender melhor como se dão os “progressos” em psicanálise, como os conceitos e práticas clínicas em psicanálise podem se transformar sem se diluir e perverter, mas também sem se estratificarem dogmaticamente), e de, se assim desejarem, temperar a sua própria capacidade de psicanalisar com as idéias deste psicanalista brasileiro e contemporâneo muito original.

3. Das considerações metodológicas do projeto

A construção da plataforma de leitura: os pressupostos da desconstrução

“Agora vamos construir um caminho, de forma nova (...). Então você pega uma pá, uma britadeira, um grampo de cabelo. Se só tiver um grampo, mais nada, pegue-o e comece a cavar. Você cava em todas as direções: pra lá e pra cá, pra dentro, vai para o lado de fora, para a esquerda, para a direita. Em linha reta, não. Nada que é natural ou interessante segue uma linha reta. Na verdade, é o meio mais rápido de chegar ao lugar errado. Tem mais, (...) não finja que sabe para onde vai. Pois, se sabe para onde vai, quer dizer que já esteve lá antes e, no fim, vai chegar exatamente ao ponto de partida”.

Anderson, S. R. e Hopkins, P. *O Jardim sagrado*, p. 277.

“Como dar forma e legitimidade a uma intuição e a uma experiência emocional e intelectual?”, pergunta feita por Luís Cláudio Figueiredo no prefácio do livro de Dany Kanaan (2002), “Escuta e Subjetivação: a escritura de pertencimento de Clarice Lispector”.

Para iniciar a tentativa de resposta a esta pergunta, trago aqui as reflexões sensíveis de Inês Loureiro, sobre os percalços que acompanham as disposições metodológicas da feitura de uma pesquisa acadêmica em psicanálise, em especial as pesquisas de tipo teórico, como esta que estou a empreender:

Tomo como ponto de partida a convicção de que, analogamente à clínica psicanalítica, cada dissertação ou tese em psicanálise presta-se a ser pensada como um verdadeiro *caso metodológico*, materialização e ápice de um percurso irredutivelmente singular. Uma dissertação ou tese traz, embutida em suas entrelinhas, uma história, um processo repleto de conflitos e de reviravoltas, resquícios de transferências mais ou menos intensas com o(s) autor(es) estudado(s), com o orientador da pesquisa e/ou com a instituição em que foi feita, sem mencionar os efeitos de todo o tipo de ideais e de fantasias envolvidos na consecução de um trabalho como este

– que invariavelmente implica considerável investimento de tempo, dinheiro e, sobretudo, de energia psíquica (libidinal, para usar o termo freudiano) (Loureiro, I. “Sobre algumas disposições metodológicas de inspiração freudiana”, p. 145, grifo do autor).¹

Neste meu “caso metodológico”, como vimos, seria preciso, então, no decurso deste meu enfrentamento de um “segundo momento da interpretação”, fabricar um estado de estranhamento em relação à obra de Gilberto Safra e em relação a mim mesma e às primeiras traduções que fiz de minhas fortes experiências emocionais e intelectivas geradas pelo contato com a obra, para, *por e com isso*, interpretá-la eficazmente (como na boa experiência da clínica psicanalítica).

Esta fabricação do estranho, esta desfamiliarização, pede por pressupostos metodológicos. Pede por técnica e teoria da técnica. Voltando à questão de Figueiredo, como interpretar? Ou melhor, como colocar em marcha uma boa interpretação?

Esta “técnica”, modo de proceder quando da feitura de um trabalho, no caso trabalho de leitura, pode ser empenhada de diversas maneiras. Entramos aqui no campo da problemática hermenêutica, ou seja, nas diferentes concepções da linguagem e da fala e de como estas diferentes concepções determinam diferentes modelos de elaborar e legitimar procedimentos interpretativos. Tal problemática exige uma reflexão epistemológica, acerca dos procedimentos de produção de saber, e ontológica, acerca do estatuto destes objetos de conhecimento.

Por ser uma discussão um tanto longa, e que nos obrigaria a fazer um desvio considerável no caminho de nosso propósito, vou afirmar que, situando-nos dentro desta problemática acerca das questões básicas relativas às atividades de interpretar, vou descrever e justificar aqui a modalidade de leitura que escolhi para trabalhar.

De acordo com Ulhoa Cintra e Figueiredo (2004),

A obra de um grande psicanalista deve ser conhecida não só pelas teses, teorias e conceitos que elabora e propõe, e tampouco apenas pelas

¹ In: Queiroz, Edilene Freire de & Silva, Antonio Ricardo R. da. (orgs). *Pesquisa em psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2002.

inovações técnicas que introduz. (...) há um plano no qual o pensamento psicanalítico de cada um, na sua singularidade, precisa ser captado, se quisermos efetivamente entrar no mundo que é próprio a cada autor: o plano do estilo e das estratégias retóricas. Muitas simpatias e antipatias, acolhimentos e rejeições se dão a partir desse nível.(p. 49).

Este plano do qual Ulhoa Cintra e Figueiredo dão notícia pode vir a ser denunciado por um modo de empreender a leitura de textos (não só) psicanalíticos. Essa modalidade de leitura chama-se *leitura próxima desconstrutiva*.

Vou me utilizar das considerações feitas por Figueiredo (1999), no capítulo intitulado “Considerações metodológicas preliminares”, de seu livro “Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi”, a fim de trazer à luz aqui, de uma forma resumida, o que considero uma apresentação clara e didática deste tipo de trabalho com o texto.

De acordo com o autor, existem as leituras sistemáticas e/ou historicizantes, em que o intento seria o de procurar as teses do texto no contexto da área, da obra e/ou do desenvolvimento do pensamento de um autor. Estas leituras procurariam estancar os deslizamentos e ordenar a rede em torno de um lugar ideal: um “conceito chave”, uma “necessidade” ou um “impulso interno inerente ao pensamento examinado em sua evolução”, por exemplo. Estas leituras são movidas pela crença em uma precedência da unidade sobre a diferença, tentam separar o “essencial” (proposições teológicas, filosóficas e científicas na sua idealidade) do “retórico” (o ornamental, acidental, literário, circunstancial etc), ou seja, do “textual”.

Estas leituras sistemáticas podem, facilmente, produzir efeitos dogmatizantes, o que, no bom sentido resultam na exposição clara, concisa e justificada das “teses” do texto. E, no mau sentido, resultam na redução, fixação e esterilização das possibilidades de sentido, perdem muito no entendimento do movimento das teses para além e aquém de suas exposições. O “movimento de sentido” do texto, aquele que não chega a se fixar em teses e que, ao contrário, *lança permanentemente as teses para além e para aquém de si mesmas*, pode passar em branco.

As leituras sistemáticas, segundo a análise de Figueiredo, porque pressupõem, perseguem e constroem a identidade de sentido do texto e eliminam os elementos

heterogêneos (as alteridades do texto), teriam, respectivamente, um caráter identificatório e autoprotetor.

O problema que aí se coloca seria o do como entrar em contato com a alteridade do texto, com sua novidade, com a sua estranheza? Como não o submeter a um exame que o reduza a uma homogeneidade de sentido, a uma compreensão globalizante?

A resposta de Figueiredo seria a aposta numa dupla leitura, uma próxima e sistemática (contextualizante) e outra próxima e desconstrutiva, aquela que exploraria as tensões, as trilhas perdidas, as pequenas aberturas do texto que a leitura clássica tende a fechar, atentando para as impurezas, irregularidades e as fraturas do/no texto.

A leitura desconstrutiva implicaria a colocação do texto no intervalo entre as intenções do autor e seus produtos não intencionais, assumindo que o texto é outro para si mesmo. Intervalo entre uma homogeneidade perseguida e construída pela leitura sistemática e as heterogeneidades que esta recalca, omite, esquece, exclui, expulsa, marginaliza, ignora etc., ou seja, nos elementos deslegitimados que compõem o texto. Os traços diferenciais que o texto mobiliza sem poder controlar, e que permanecem como fundo invisível nas leituras sistemáticas, mas sem os quais nenhuma tese se forma.

O pressuposto da desconstrução é que na produção controlada de sentido (a ambição de quem escreve) são necessários recursos e expedientes que extrapolam o sentido controlado. A tarefa da reconstrução de uma lógica não-identitária seria a de *entrelaçar as teses com suas condições de possibilidade*. Quando este tipo de leitura dá voz e eficácia aos elementos de desconstrução já em atividade no texto, põe em marcha um tipo de produção de sentido que instabiliza e temporaliza o sentido constituído em uma leitura sistemática e, assim, dá mais vida e mais tempo ao texto.

A atividade de leitura que estará em marcha neste projeto, objetivando mergulhar (sem se afogar) nas profundezas polissêmicas da escritura de Gilberto Safra, tentará colocar suas âncoras neste tipo de posição interpretativa.

A escolha do recorte da obra

O meu contato inicial com os escritos de Gilberto foi através da leitura da “A Face Estética do Self”. Meu encantamento com algo que eu senti ser comunicado pelo autor se deu com este texto. A leitura do livro “Momentos Mutativos em Psicanálise” foi posterior a este momento, e o impacto desta outra leitura foi de ordem bem diferente do produzido pela primeira. Eu não sabia bem qual era a diferença entre os dois textos, e nem o que é que tinha me encantado tanto no primeiro livro que li. Mas agora me propus a tentar saber e comunicar “isso” na forma deste texto-mestrado.

Então, para dar conta da proposta de trabalho, fizemos a escolha de recortar a obra de Safra em dois momentos: fazer a leitura sistemática e a leitura próxima da sua tese de doutorado e de sua tese de livre docência.

Este recorte se justifica pela hipótese, levantada pela autora, de que há *algo* na construção do pensamento psicanalítico de Safra que se modificou consideravelmente entre estes dois momentos de sua trajetória pessoal, autoral e na sua formação como analista. Esta hipótese também se fortalece em impressões afirmadas na leitura que Figueiredo fez (na apresentação) do livro “A face estética do self”, e na leitura que Tales A. M. Ab’Sáber fez (no prefácio) do livro “A pó-ética na clínica contemporânea”.

Figueiredo trata de uma certa novidade que Gilberto Safra apresenta naquele texto, a saber, a “ênfase nas dimensões materiais e sensoriais da existência”, como conteúdo principal de sua tese, e a “a singularidade na clínica psicanalítica e a singularidade do psicanalista”, como questão, como fonte de impulso da escrita de Gilberto.

Ab’Sáber afirma: “Em poucos anos, aqueles que separam a publicação de seu primeiro livro, *Momentos Mutativos em Psicanálise*, do segundo, *A Face Estética do Self*, deu-se, no analista Gilberto Safra, uma mudança profunda, que pode ser percebida ao compararmos os dois trabalhos”. No primeiro livro Gilberto faz uma acurada leitura da obra de Winnicott, mas ainda não “se sentia em casa”. Na visão do prefaciador, o que Safra constrói com seu segundo livro é o “rumo da própria morada conceitual, de sua terra mais verdadeira, equivalente ao que já criara com seu próprio consultório”. Este texto seria o “primeiro representante da passagem mutativa humana vivida pelo próprio analista”.

4. Lendo “Momentos Mutativos em Psicanálise”

Leitura sistemática

“Momentos mutativos na psicoterapia psicanalítica” foi a tese de doutorado em psicologia clínica defendida por Gilberto Safra no IPUSP em 1990. Feita sob orientação do professor doutor Ryad Simon, cinco anos mais tarde veio a se tornar livro, numa edição revisitada, intitulado “Momentos mutativos em psicanálise: uma visão Winnicottiana”.

Neste segundo trabalho, Safra apresenta a tese de que na experiência do processo psicoterápico há dois movimentos distintos, um deles seria proporcionado pelo trabalho, a cada sessão, com as angústias, defesas e com a transferência, e as transformações e insights conseguidos somam-se durante longos períodos de trabalho. Este movimento foi chamado de “períodos mutativos”. O outro movimento distinguido seria quando há certa confiança já estabelecida no processo, e o paciente consegue expor uma busca na relação terapêutica de uma necessidade psíquica que não pôde ser satisfeita ao longo de seu desenvolvimento emocional. Quando o encontro da necessidade psíquica do paciente com a função proporcionada pelo analista produz profunda modificação na maneira como o paciente vê a si e o mundo, e no padrão de suas relações objetais, deu-se o que foi chamado por ele de “momentos mutativos”. O foco do trabalho recairá sobre este tipo de movimento, explicitando suas condições de possibilidade na relação analítica, tanto do lado do paciente quanto, e principalmente, no do analista.

A tese é composta de cinco capítulos, além da introdução e conclusão. O primeiro capítulo trata da relação analítica e a possibilidade da emergência dos momentos mutativos. O segundo trata da regressão e do aparecimento dos momentos mutativos. O terceiro da busca do objeto e sua relação com o momento mutativo, tendo dois subitens, um sobre algumas necessidades psíquicas básicas e outro sobre a busca e a lição de objeto. O quarto capítulo vai tratar da resistência, do *Acting Out* e sua relação com os momentos mutativos. Por fim, o capítulo quinto e último vem tratar da interpretação e sua relação com os momentos mutativos.

Há uma citação inaugurando o texto, apresentando o trabalho que vai ser lido, numa espécie de “tom” sintetizante daquilo que vai ser dito. Desta feita, Safra já traz Winnicott para dar esse tom primeiro de abertura de seu texto: “Quando olho, sou visto, logo existo. Agora tenho condições de olhar e ver. Agora olho criativamente, e o que eu apercebo eu também percebo. Na verdade, tomo cuidado para não ver o que não existe para ser visto”.

Essa máxima Winnicottiana aponta o valor fundamental dado pelo autor para a

experiência de reconhecimento do self do bebê pela mãe, que aí ocupa o lugar do outro fundamental que traz o bebê ao mundo dos que existem, dos que poderão um dia também olhar, mas olhar para ver o mundo de maneira criativa. O valor do encontro com o outro que permite o desenvolvimento emocional e a inserção do ser no mundo são temas caros a Winnicott. As contribuições de Winnicott, que apareciam como “inaugurantes” de um modo de se trabalhar na clínica quando da feitura de sua dissertação de mestrado, agora são tratadas como pontos cruciais de referência do embate/jogo clínico com os pacientes; é explícita a inserção de Safra neste modo de pensar a psicanálise.

Aqui a psicanálise que o autor faz e defende é clara, sua vinculação a uma certa tradição psicanalítica aparece claramente. Por exemplo, quando vai tratar dos objetivos do estudo e seu modo de realização, afirma: “A abordagem teórica empregada é a psicanalítica (Freud, Klein, Bion, Winnicott etc...). O método utilizado é o psicanalítico que procura estudar o campo psíquico através da observação da relação paciente-analista (transferência-contratransferência), delimitada pelo enquadre estabelecido” (p. 11). Afirma ainda que o trabalho é fruto da observação de processos psicoterápicos psicanalíticos com pacientes de diferentes idades e quadros psicopatológicos ao longo de doze anos de trabalho. Mas é curioso observarmos o fato de que quando a tese é publicada em forma de livro, revisitada anos mais tarde, no título a nomeação “psicoterapia psicanalítica” é substituída por “psicanálise” e é acrescentada a frase “uma visão winnicottiana” (parece que acontece algum tipo de libertação quando a tese já foi feita, defendida e aceita nos meios acadêmicos, e então é levada a um público muito maior, na forma de livro).

Já na primeira frase da introdução de sua tese, Safra afirma que “o trabalho psicoterápico, de abordagem psicanalítica, *segundo meu ponto de vista* (grifo meu), visa não só buscar a recuperação da verdade do sujeito, mas também oferecer a ele a possibilidade de evolução daqueles aspectos da vida psíquica que jamais puderam se manifestar ou ser simbolizados” (p. 01). Assim ele, logo de início, nos informa que o que ele vai argumentar como tese é algo que sustenta como ponto de vista seu, sustentado por sua vez em sua prática clínica e no modo como a interpreta e significa. Seu trabalho textual será elaborado na direção da justificação deste ponto de vista, tomado como plausível desde essa posição tomada à priori.

Tendo marcado sua posição como autor desta tese desde o primeiro início, Safra inicia

sua caminhada em direção à defesa e ilustração dos caminhos que seu pensamento percorreu para chegar a este lugar de fala enunciado já no início. O que quer que seja que aconteça em uma análise, tanto a busca da verdade como a evolução e simbolização da vida psíquica do indivíduo, o que importa é que isso só será possível através do *vínculo com um outro ser humano* (grifo meu). Este outro ser humano, no caso, é o analista. Este vértice do processo analítico é um ponto sobre o qual o autor faz questão de parar e descer em profundidade, fazendo a análise detalhada de sua posição frente ao modo de conduzir o processo psicanalítico, destrinchando os detalhes da condução técnica do processo em que esse vínculo vai poder se dar.

O desenvolvimento “positivo” deste processo de vínculo, ou seja, o encontro com a verdade ou a evolução e simbolização da vida psíquica do paciente, segundo o autor, é determinado pelo modo de compreensão por parte do psicoterapeuta do que ocorre nos dinamismos do vínculo paciente-terapeuta e de como isto é levado a cabo nas sessões que compõem o processo complexo e, na maioria das vezes, longo de uma análise.

Sua introdução caminha no sentido de refazer o processo histórico (de maneira breve) segundo o qual a relação analista-analisando passou a ser vista como fator básico de transformação do psiquismo do paciente, ou seja, vai tratando da história do fenômeno da transferência-contratransferência.

Neste caminho faz uma alusão decisiva em seu posicionamento neste campo, quando diz que “Nas últimas duas décadas ao lado dos estudos sobre contratransferência houve também um aprofundamento dos conhecimentos sobre o desenvolvimento do ego, do self, das relações objetais, e o relacionamento mãe-bebê, etc...O processo psicoterápico passa a ser visto não só como meio de alcançar o insight, mas também com a preocupação de restauração do self do paciente. Há uma mudança no enfoque dos objetivos da análise, do conceito de cura passa-se ao de evolução da personalidade” (p. 2). Aqui o autor se filia à escola de pensamento em psicanálise que acredita nesta mudança de enfoque e nesta concepção sobre o que sejam os objetivos de uma análise, como claramente o faz Winnicott. Então, se os objetivos do tratamento analítico estão claramente posicionados para Safra, ele vai adiante. Não se preocupa, neste momento, em dar justificativa ao seu posicionamento, levando em conta outras formas de pensar a cura ou de, ao menos, colocá-las em voga para sustentar sua conclusão.

Reconhece que o trabalho psicoterápico visa à elaboração dos conflitos intrapsíquicos e o fornecimento ao paciente das funções que não foram proporcionadas pelo meio ambiente ao longo de seu desenvolvimento. Sendo assim, vai apresentando os autores que, na literatura psicanalítica, preocuparam-se de forma mais clara com o trabalho psicoterápico feito nestas duas dimensões, fazendo uso então de Ferenczi, Balint, Khan, Margaret Little e Winnicott.

A partir de então, indica sua concordância com Little (1966) quando esta discute a técnica da análise da transferência em pacientes *borderlines*, descrevendo três escolas de pensamento do ponto de vista da técnica. A primeira seria a clássica, com predomínio do uso da interpretação e que tendem a considerar como não analisáveis os pacientes que não se adaptam à técnica empregada; a segunda acredita que uma experiência corretiva necessita ser suprida ao pacientes, para que suplante as experiências originais do paciente, sem um trabalho verbal, não sendo necessário ligar a experiência emocional com a cognitiva. *Para Little, seria terapia, mas não psicanálise* (grifo meu); a terceira, com a qual Safra estará de acordo, acredita que alguns pacientes apresentam um cuidado materno que não foi suficientemente bom, no início de seu desenvolvimento, e essas áreas não são acessíveis somente com o uso da interpretação verbal. O analista precisa suprir funções semelhantes àsquelas proporcionadas pela mãe suficientemente boa ao bebê, antes que o ego possa utilizar-se de interpretações verbais, o que será necessário como meio de promover a integração do paciente. Os analistas deste grupo permitiriam ao paciente a liberdade para direcionarem a análise de forma que suas necessidades pessoais possam ser supridas e trabalhadas.

Esta necessidade que pode ser suprida “usa” do fenômeno da regressão para poder aparecer e ser atendida. Safra aqui vai usar Winnicott quando este menciona que os pacientes que precisam regredir encontrarão no *setting* as funções que lhes permitirão resgatar os aspectos do self que ficaram detidos em seu desenvolvimento. Este uso específico do setting indica que a abordagem clínica escolhida é a que *considera fundamental a participação do meio ambiente na estruturação da personalidade do paciente* (grifo meu). Para tratar do setting, Safra recorre a Freud, Milner e Bleger.

Então, com Winnicott, se o paciente está regredido, haveria duas pessoas na sala, paciente-bebê e analista-mãe. Nestes casos o setting representaria a mãe, na medida em que transmite segurança pelas funções que irá desempenhar e representar ao longo do processo. As funções seriam o holding, a manipulação e a apresentação de objetos. De acordo com Safra,

dentro do processo psicoterápico analítico, essas funções seriam exercidas pela conjugação do manejo com o trabalho de interpretação. Então o que se sucede são explicações mais pormenorizadas sobre o que seria o manejo, o holding, a manipulação e a apresentação do objeto.

Há também considerações sobre o setting numa situação onde o paciente não estaria tão regredido e o vínculo da sessão seria triangular, onde o enquadre representaria então o pai. E ainda considerações sobre o setting quando a regressão é profunda, a ponto de só existir uma pessoa na sessão, sendo o analista objeto subjetivo do paciente.

Então, dentro da introdução, há o subitem “Objetivos do estudo e Modo de realização”. Safra parte do pressuposto que dentro do processo psicoterápico existem dois movimentos ajudando na mobilização, transformação e evolução da personalidade do paciente. O primeiro seria os “períodos mutativos”, proporcionado pelo trabalho, a cada sessão, com as angústias, defesas, transferência. É o trabalho feito no decorrer de longo período, onde os insights e transformações conseguidos somam-se ao longo do tempo. O segundo seria os “momentos mutativos”, quando já há certa confiança estabelecida, o paciente sente que o analista lhe dá o holding necessário, e o paciente busca expor nesta nova relação uma necessidade que não pôde ser satisfeita em seu desenvolvimento, na esperança de que o analista o compreenda, satisfazendo assim, de forma simbólica, o que busca compreender para completar a evolução de sua personalidade. *O momento mutativo seria o encontro desta necessidade com o objeto.*

O trabalho da tese procura enfocar e esclarecer os dinamismos na relação paciente-analista que favorecem o aparecimento do fenômeno do momento mutativo. Safra crê que a compreensão deste fenômeno pode favorecer a ampliação de nosso trabalho com nossos pacientes de forma a ser possível acompanharmos a busca que empreendem de completar o seu desenvolvimento psíquico. Seu doutorado visa esclarecer o que quer dizer e apresentar sobre isso, refazendo para tanto os caminhos teóricos-argumentativos dos autores que seguiu e deixando as claras àquilo com o que concordou e discordou, e, quando preciso, deixando esclarecido o seu ponto de vista, o que realmente acredita, independente do que foi dito anteriormente.

A abordagem teórica é a psicanalítica (Freud, Klein, Bion, Winnicott etc...) e o método utilizado é o psicanalítico, onde o campo psíquico é estudado através da observação da relação paciente-analista (transferência-contratransferência), delimitada pelo enquadre estabelecido.

Afirma qual seria sua concepção de cura: “o término do processo é realizado de comum acordo, quando se considera que os objetivos do trabalho foram alcançados (maior tolerância à depressão, capacidade de reparação, maior contato com a vida interior, prazer de usufruir a vida e estabelecer vínculos significativos, maior capacidade de auto análise, etc...)” (p. 11).

Afirma que os capítulos da tese são maneiras de abordar o fenômeno dos “momentos mutativos” sob a luz de alguns conceitos fundamentais da técnica psicanalítica (transferência-contratransferência, regressão, busca do objeto, resistência e interpretação). E diz que vai usar os casos clínicos (são dez ao todo, e sete são dele próprio, os outros são de Winnicott, Hanna Segal e Racker) para permitir a observação dos conceitos discutidos na prática clínica.

No capítulo 1 vai tratar da relação analítica e das possibilidades da emergência dos momentos mutativos. Começa recorrendo a Freud e à criação e evolução do conceito de transferência. Vai usar Ferenczi logo em seguida, acompanhado no decorrer da argumentação por Melanie Klein, Ana Freud, Lagache, Bion e Winnicott. Quando chega em Winnicott, tratando de seu modo de entender a transferência, faz uma digressão para fazer compreender o que seria a função de “mãe suficientemente boa” no desenvolvimento do bebê.

Feito este caminho e tendo claramente alçado âncoras nos conceitos de “*rêverie*” de Bion e no de “mãe suficientemente boa” de Winnicott, caminha na direção da argumentação da importância da instrumentalização da personalidade do analista para que o processo psicanalítico progrida de maneira satisfatória, e para isso, é preciso levar em conta a questão da contratransferência. Para tanto recorre novamente à Freud, passando por Theodor Reik, Paula Heiman, Racker, Leon Grinberg, Bion, Klein, Money Kyrle, Green e Winnicott. Afirma que pensa que o essencial parece ser que o analista possa, graças a sua análise pessoal, observar as suas vivências contratransferenciais e auto-analisá-las, para que possa compreender mais amplamente o seu paciente.

Então faz uma questão pertinente ao seu modo de conceber a transferência-contratransferência: “O que possibilita ao analista funcionar em seu trabalho como a “mãe suficientemente boa”, para que possa fornecer ao seu paciente intervenções e interpretações adequadas ao seu momento psíquico?” (p. 21). Sua resposta é interessante e indicativa, novamente, de seu “jeito de fazer psicanálise”, como disse anteriormente. Vale transcrever a resposta na íntegra:

“A análise pessoal do analista deve ter proporcionado a ele o estabelecimento de uma

confiança não só no método que emprega, mas também na importância e benefício conseguido com o aumento do seu contato com a sua realidade psíquica. Talvez sejam esses aspectos que contribuam para o estabelecimento daquilo que Bion chamou de “fê”. O analista, através desta confiança ou fê, busca persistentemente a verdade psíquica de seu paciente, com a consciência de que é isto que ele pode oferecer de bom e enriquecedor àquele que o procura. O vínculo com o seu paciente estará marcado pela solidariedade, pelo reconhecimento do sofrimento psíquico que ele conheceu e conhece, frente ao qual se instrumentalizou pela elaboração das ansiedades primitivas conseguida em sua análise pessoal(...). é o fato de poder estar em contato com o bebê que já foi e com os objetos que foram introjetados ao longo dos anos, que contribuíram com cuidados das mais diversas formas para que esse bebê chegasse a sofrer uma evolução. Este aspecto, bastante importante, combinado com os demais, permite que o analista possa fornecer ao paciente as interpretações necessitadas por ele de uma forma que permita que ele as assimile” (p. 21 e 22).

Parodia Winnicott afirmando que “poder-se-ia dizer que o “analista suficientemente bom” necessita ter confiança no seu método, fê na verdade, ser solidário a seu paciente e estar em contínuo contato com os fundamentos de seu psiquismo, para que todos esses princípios possam ser usados em função do seu trabalho” (p. 22).

No decorrer do capítulo vai adentrando na teoria Winnicottiana para tratar do interjogo transferência-contratransferência, trazendo o conceito de “espaço potencial”, “espaço transicional”, “bom objeto” e o “brincar”, tanto do paciente quanto do analista.

Apresenta então um caso clínico para ilustrar uma experiência de impasse vivido no interjogo transferência-contratransferência seguido de momentos mutativos, onde o surgimento do espaço potencial mudou os rumos do trabalho que estava sendo feito. Termina o capítulo citando Rosenfeld, falando da importância dada por este autor ao fato do analista precisar estar realmente em contato com o seu paciente para que possa recriar a sua técnica, a fim de que ela se adeque às necessidades do paciente, estando cômico de como o próprio setting e a sua técnica possam exercer efeito mortalizador (!).

No capítulo 2 vai tratar da regressão e do aparecimento dos momentos mutativos. Começa novamente com Freud, acompanhando a concepção e evolução do conceito de regressão. Passa para Ferenczi, afirmando que este autor parece ter indicado toda uma via de investigação em Psicanálise seguida por vários autores, tais como: Winnicott, Balint, Khan,

Mahler, Milner etc...

Passa para Kris, Knapp, Ana Freud, Grinberg, Langer, Liberman e Rodrigué, Winnicott e Balint. Apresenta então dois casos clínicos a fim de discutir a discriminação feita por Balint das regressões benignas (objetivo é o resgate de aspectos da personalidade) e malignas.

No fim do capítulo afirma que do acompanhamento de processos de trabalho com diversos pacientes, entre eles os casos descritos no próprio capítulo, poderia-se postular dois movimentos no trabalho terapêutico, o dos períodos mutativos e o dos momentos mutativos. Aqui aparece, a meu ver, a definição mais cuidadosa dos momentos mutativos, a saber:

“Seriam momentos onde o paciente após um trabalho de períodos mutativos, sente-se confiante de regredir e buscar na figura do analista um objeto com quem possa estabelecer uma experiência prototípica, que não havia sido possível no passado do paciente. Esta nova experiência não só muda a visão que o paciente tinha do mundo, das relações objetais, e de si mesmo, mas também reintegra no seu psiquismo aspectos que até então se encontravam dissociados. Trata-se de resgates de aspectos do eu que nunca antes haviam sido experimentados como algo positivo. Há uma mudança no self do paciente”. (p. 55).

Esta nova forma de vivenciar o seu eu acontecerá se o paciente sentir a possibilidade de usar o analista como um novo objeto que o ajude a resgatar aspectos do próprio eu que nunca antes foram integrados e vivenciados de forma positiva. *Este processo ocorre dentro do fenômeno da regressão*, que fornece as condições necessárias para que o objeto necessitado possa ser encontrado e ofertado. A busca deste objeto é o tema do capítulo terceiro.

Neste terceiro capítulo da tese, Safra vai tratar da busca do objeto e sua relação com os momentos mutativos. Repete também aqui o movimento de iniciar a concepção e evolução do conceito de noção de objeto em psicanálise a partir de Freud. Seguindo, passa por Fairbain, Winnicott, Klein e Dolto. Mas afirma categoricamente que “em minha opinião não há função e estrutura psíquica que não nasça da relação com um objeto”(p. 59). A partir deste posicionamento pergunta-se: “quais seriam as necessidades psíquicas que um objeto precisaria atender ao indivíduo para que este possa estruturar-se e fazer evoluir a sua personalidade?” (p. 60). Na tentativa de responder a esta questão abre os subtítulos A- algumas necessidades psíquicas básicas e B- A busca e a Lição de objeto.

Neste item A afirma que fazer um levantamento das necessidades psíquicas que o objeto precisa satisfazer para que haja a evolução da personalidade seria tarefa despropositada para o

fim a que se justifica o trabalho, e, em sendo assim, acha mais legítimo tentar abordar algumas dessas necessidades para clarear o fenômeno que se está estudando (os momentos mutativos). Enumera e discorre sobre seis necessidades. São elas:

1. Necessidade do bebê e do paciente de encontrar um continente para as suas vivências psíquicas. Para a argumentação deste item traz a contribuição de Bion.

2. Necessidade de sustentação ou “*holding*”, como função materna necessária ao desenvolvimento. Para a argumentação deste item traz a teorização de Winnicott.

3. Necessidade de manipulação ou lidar, do que decorre o processo de personalização. Para tanto Winnicott é quem fornece o ambiente teórico, mas faz referência a Bick e Anzieu.

4. Necessidade da função de espelho da mãe. Para tanto recorre a Lacan, Winnicott e Kohut, mas o tom de suas elaborações é Winnicottiano.

5. Necessidade da apresentação de objetos, o que faz com que a criança se sinta real e consiga relacionar-se com um mundo concreto de objetos e fenômenos. Para tal argumentação também traz as teorizações de Winnicott.

6. Necessidade de que as pulsões pré-genitais sejam interditadas e que um novo destino seja dado à pulsão para que a evolução psicológica da criança possa acontecer. Usa um caso clínico para exemplificar a função do objeto terceiro, interdito.

No item B Safra vai tratar especificamente da conceitualização winnicottiana sobre o fenômeno da busca de um objeto. Trabalha então com a construção teórica e suas derivações para a prática clínica advindas do jogo da espátula, com os períodos de hesitação, de posse e de emergência da agressividade. A experiência completa com o objeto, ou seja, ousar querer e pegar a espátula, tomar posse dela sem alterar a estabilidade do meio ambiente, age como “lição de objeto”. Daí deriva a afirmação que vem mais adiante de que “O momento mutativo aproxima-se bastante do que foi descrito no jogo da espátula”(p. 73).

A seguir descreve dois casos onde podem ser observados os momentos mutativos de que trata a tese, *resultado do encontro da necessidade psíquica com o objeto*. Um caso é do próprio Safra e o outro é de Hanna Segal. Parece usar o caso relatado por um outro autor em psicanálise para demonstrar que inúmeras vezes o fenômeno dos momentos mutativos são descritos na literatura psicanalítica, mas apesar destes elementos aparecerem com frequência, não são habitualmente abordados e conceitualizados a fim de poderem ser integrados dentro da técnica empregada na condução dos tratamentos.

No capítulo quarto vai tratar da resistência, do *Acting Out* e sua relação com os momentos mutativos. O movimento de retornar a Freud é repetido quando vai pensar a concepção e conceitualização da resistência. Mas passa por Reich e Anna Freud. Então vai afunilando a noção de resistência chegando na “manobra especial da resistência que é conhecida na literatura com o nome de atuação”. Nesta revisão vai a Freud, Fenichel, Greenacre, Rosenfeld, Lagache, Bion, Rangell, Khan e Winnicott.

Sua conclusão é de que é preciso discriminar a atuação como forma de descarga, de ataque ao aparelho psíquico, do ato que expressa um acontecimento da história psíquica do indivíduo que não pode alcançar o nível da representação plástica ou verbal. Há também o ato simbolizante, que seria o ato realizado pelo sujeito dentro de um contexto que modifica a maneira do indivíduo ver a si mesmo e ao mundo. O importante é que este ato surge frente a um objeto (presença psíquica do objeto) que é capaz de reconhecer a importância daquele movimento (seria a lição de objeto descrita anteriormente).

Dois casos são descritos para ilustrar a maneira como Safra enxerga o uso que pode ser feito da resistência. Cito sua síntese:

“A resistência às vezes é forma silenciosa de comunicação, a atuação além de comunicação pode ser também momento simbolizante. Os aspectos positivos destes fenômenos só poderão ser utilizados produtivamente se o analista puder resgatar o sentido do ato, recolocando-o dentro do contexto da história de vida do sujeito e da busca do desenvolvimento pelo paciente através daquele fenômeno. Se este momento simbolizante for interpretado como ato destrutivo (...), teremos perdido um elemento fértil para a expansão da consciência do paciente e do contato consigo mesmo” (p. 97).

No capítulo 5 o autor vai tratar da interpretação e de sua relação com os momentos mutativos. Aqui ele não retorna a Freud, vai direto a Winnicott e sua conceitualização da noção de “apresentação de objeto”.

Antes de iniciar o caminho com Winnicott, afirma que nos capítulos anteriores abordou as questões e os princípios que considera fundamentais para nortear o trabalho de interpretação de forma satisfatória. Oferece sua própria maneira de conceber esses princípios, que penso valer a pena transcrever na íntegra:

“ a) a importância de no trabalho de análise dos objetos internos discriminarmos o que é resultado das distorções e ataques do paciente daquilo que foi contribuição de um meio

ambiente deficiente de determinada área.

b) levar em conta a psicologia psicanalítica evolutiva para observar o que o paciente necessita, o que é desejo compulsivamente repetido, e que angústias o ameaçam ou paralisam.

c) ênfase no fato que o indivíduo desenvolve-se em um meio ambiente e que o enquadre psicoterápico é também um novo meio ambiente, que graças ao processo transferencial pode ser utilizado pelo paciente de forma simbólica para o resgate de novos aspectos da personalidade, e para o estabelecimento de estruturas que não havia anteriormente sido possível adquirir.” (p. 99).

Então ele vai relatar um caso de Winnicott, retirado do livro “Holding and Interpretation” (1986). Faz este movimento acreditando que a sessão exemplifica de maneira clara a técnica de intervenção e interpretação naquelas situações onde surge a possibilidade do encontro da necessidade com o objeto procurado, o que está chamando de “momentos mutativos”. Neste momento vai trazer algumas contribuições de Racker, Klein e Alvarez de Toledo sobre diferentes formas de interpretar e de conceber a interpretação na clínica. Então traz um caso descrito por Racker.

Por fim vem seu esforço de conclusão da tese. Seu primeiro parágrafo já aponta um tom que comparece em toda a sua argumentação. Afirma que os fenômenos que acontecem na análise dependem não só das características psicológicas do paciente, mas também das características psíquicas do analista.

Este analista está presente com sua personalidade durante todo o processo, ou seja, traz consigo suas experiências de vida, sua análise pessoal, sua visão de mundo e de homem e seus conceitos teóricos, elaborados ao longo de sua prática como clínico. O trabalho da tese visa, segundo o autor, instrumentalizar a personalidade do analista, trazendo contribuições acerca da melhor compreensão da psicologia do desenvolvimento e da participação do meio ambiente na evolução psíquica do indivíduo. Estas noções complementam o conhecimento acumulado pelas observações de diversos autores sobre os dinamismos intrapsíquicos.

Porém ele crê que não foram integrados de forma suficiente na técnica analítica os conhecimentos sobre as funções exercidas pelo meio ambiente no desenvolvimento do indivíduo. Acredita que uma maneira de fornecer ao profissional um referencial interno sobre o desenvolvimento do psiquismo em interação com o meio ambiente, permitindo ao profissional uma maior compreensão das necessidades de seus pacientes é a prática clínica

com crianças. Esta afirmação é curiosa, aponta sutilmente para o fato de que se andarmos mais próximos das crianças, mais próximos estaremos de alguns conhecimentos que não são necessariamente formulados e transmitidos pelas teorizações clássicas sobre a análise com adultos... Safra afirma que podemos adquirir este conhecimento sendo nós mesmos analistas de crianças, e não seguindo dogmaticamente escolas de formação em psicanálise.

O analista, frisa Safra, deve estar em contato com o paciente, compreendendo as flutuações psíquicas deste. O analista não deve apegar-se excessivamente a uma teoria ou técnica psicanalítica, isto o faz perder em flexibilidade, o que não o permite adaptar-se às características do paciente, a fim de poder efetivamente realizar o trabalho que precisa ser feito em função do paciente e não de uma teoria específica. O analista precisa poder recriar a sua técnica para que ela se adapte às características psíquicas apresentadas pelo seu paciente naquele momento específico da sessão.

Ele trata das vicissitudes do fenômeno do momento mutativo, fazendo um apanhado geral do que levantou e tratou em sua tese. Analisa as condições de possibilidade para este tipo de trabalho ocorrer, no analista de forma privilegiada, no paciente, de forma bem menos detida e no desenvolvimento do processo de vínculo da dupla.

O momento mutativo seria um processo que acontece em análise quando o analista pode sustentá-lo junto ao seu paciente. Seria de características generalizáveis, processo comum a diversos pacientes desde que se tenha olhos para ver e ouvidos para escutar o que ali está sendo pedido como experiência. Este “ver e ouvir” se dá pelo aprendizado de alguns pontos da teoria e técnicas psicanalíticas que Safra vem querendo demonstrar neste trabalho. A instrumentalização da personalidade do analista, para que este possa sensibilizar-se com este tipo de manifestação clínica e de forma de atuar na clínica é também o objetivo do seu trabalho.

Leitura próxima desconstrutiva

Gilberto Safra escreve uma tese de doutorado. No decurso de sua formação acadêmica, este gesto faz sentido. Acompanhando seu movimento aparentemente lógico, em escalada crescente, do mestrado ao doutorado, um desenvolvimento do contexto de problemas, argumentos, base de sustentação teórica e formas de análise do objeto é percebido sem grandes esforços.

A descrição desses movimentos da tese pode ser feita de um modo simples, seguindo a evolução aparentemente coerente do texto, em sua suposta costura discursiva unitária. Movimento de acompanhamento que já foi engendrado anteriormente. Mais de uma dezena de vezes. E, estranhamente, pode ser feito de uma forma repetitiva, estéril, milhares de vezes, numa roda “interpretativa” idêntica a si mesma.

Uma lógica aparente é o que salta aos olhos. A lógica que aparentemente se deixa ver. Aqui percebo que uso metáforas da visão para tentar me fazer entender, ou dar corpo ao que quero transmitir. O que “salta aos olhos” não é necessariamente capturável pelo ouvido... Ficar em silêncio, um silêncio próprio da escuta, poderia me fazer encontrar outras trilhas interpretativas, não repetitivas, dar lugar de passagem a um outro movimento possível que se delinearía, também, naquela tentativa de produção de sentido e organização da realidade que é o texto de um doutorado.

Falar da dimensão da escuta me permite dizer que um (outro) procedimento de análise entra em curso. Uma outra plataforma de leitura se deixa habitar. E ficando lá um tanto, prestando atenção de uma maneira flutuante, de um modo menos comprometido com o que manifestadamente está sendo dito no discurso, de um modo menos preconceituoso, de um modo atento aos detalhes, outro horizonte de criação se deixa delinear.

E eu precisava deste outro lugar, de um lugar vazio, capaz de ser fecundado. Esse movimento de disponibilidade ao novo, ao irrelevante, ao inesperado, ao contraditório, ao diferente, ao invisível, a um ainda não nomeado, a um vazio, ao não saber, ao estrangeiro, é um movimento ético em reverência ao outro, mas exige daquele que quer ser um visitante uma disposição para a desterritorialização, para o desenraizamento.

Então coloquemos assim, vou sair de mim para visitar uma terra estrangeira. Preciso ir de mochila vazia para essa viagem. Se não for, volto de lá sem quase nada do outro. Mas vou

comigo mesma, e essa minha bagagem, essa que já é meu corpo, não pode ficar em casa. Ela me faz poder estar em relação ao mundo. Ao menos a mochila-corpo-eu precisa vir de minha terra natal. Então também vou com meus instrumentos de captação da realidade. É como se o tempo da viagem se dividisse em três momentos: o da procura imediata por identidades, o do estranhamento (de si e do outro), e o do retorno para casa, com uma modelagem nova, feita de idêntico e diferente, mundo antigo fecundado pelo novo. Mochila velha carregando novas bagagens.

Gilberto Safra escreve uma tese de doutorado. E eu quero entender o que isso significa. Para ele. Para mim. Para além da propaganda que foi feita, produto de uma visão de sobrevoo por aquele território, sem muita perspectiva crítica. Eu preciso viajar para dentro deste mundo que ele criou. Preciso habitá-lo. Preciso fazer morada lá por um tempo. E mais, preciso dar notícia, nesse meu diário – diário de terra, fruto de uma “observação participante”, do que pude ver e ouvir, dos climas e atmosferas aos quais me submeti, das trilhas inesperadas por onde andei, além das já conhecidas estradas reais. Preciso conseguir dizer qual foi minha experiência com aquele território construído, como pude desintegrá-lo para interpretá-lo, ou interpretá-lo para desintegrá-lo e, enfim, recriá-lo, não mais repetindo uma ladainha.

* * *

Na minha viagem (que na verdade é a conjunção de muitas formas de viajar para esta terra), então, levei junto um diário. As anotações dispersas que fiz foram reorganizadas para gerar um sentido argumentativo um tanto mais coerente, de um modo em que o leitor possa me acompanhar.

Fui ao texto do doutorado de Gilberto depois de já o ter visitado muitas vezes. Não tinha lido o texto de acordo com instrução prévia, uma vez que este texto não tinha sido interpretado antes por ninguém que quisesse ter deixado este feito registrado formalmente.

Minto. Há um pequeno “manual de viagem” para este texto, o prefácio do analista de Safra, Manoel Lauriano Salgado de Castro. Detalhe: só sabemos que o prefaciador foi seu analista quando consultamos a tese original disponível na biblioteca do IPUSP, onde consta, nos agradecimentos, uma menção a Manoel: “Ao Dr. Manoel Lauriano Salgado de Castro, meu analista, a quem devo a minha formação, por ter me acompanhado durante tanto tempo com sua dedicação e disciplina, permitindo-me encontrar a pessoa que sou”. Na versão publicada em forma de livro, essa informação é omitida, ou melhor, não está explícita.

Este é um detalhe. Aparentemente irrelevante.

Nas minhas leituras anteriores, esse detalhe tinha passado despercebido, em marcha rápida fui seguindo a linha argumentativa das elucidações às quais Manuel se deteve. É um prefácio longo, de quatorze páginas, muito detalhado.

Mochila cheia de mim (captura narcísica?), ávida por devastar a terra estrangeira e trazê-la logo para os meus domínios, não quis saber muita coisa do prefácio. Aquilo devia ser só a ante-sala do texto, queria pular. Queria ir logo ao que interessava, ao texto do Gilberto.

Mochila esvaziada a duras penas, com o passar do tempo, das diversas leituras do mestrado, da investigação sobre métodos de leitura e interpretação de textos, e com as frustrações acumuladas pelo (bom) confronto com o grupo de orientação e orientador (outra terra estrangeira), que me fizeram compreender existencialmente que “correr ao encontro do texto de Gilberto, como quem quer um oásis, pode dar em ilusão de água ou em deserto”, comecei a prestar mais atenção aos detalhes.

Estava lendo o texto como um todo coerente (fluido e harmônico, como, aliás, o qualifica Manoel), com começo, meio e fim... nas palavras do prefaciador: “um texto progressivamente elucidativo e direcionado à meta proposta”(p.7, Safra, 1995). Como uma história que só pudesse ser contada de um jeito. E, assim sendo, o prefácio era só a ante-sala do texto.

Será que este texto poderia ser uma história a ser contada? E se é, por que Safra chama seu analista para contar a história de seu doutorado?

Sei que nesse meu diário, o prefácio ganhou lugar de destaque. Ele se transformou em um detalhe extremamente relevante.

Olhei e li, ou escutei, no silêncio daquele arcabouço bem construído nos moldes acadêmicos, um movimento do paciente-analista Gilberto Safra em relação ao seu analista e ao seu processo de formação em psicanálise. Precisei fazer a pergunta: por que Gilberto chamou seu analista para fazer o prefácio de seu primeiro livro publicado? Estaria aí em curso a história silenciosa de um processo de constituição do lugar dele de analista?

* * *

Então, fui ler o texto de novo, pelo ponto de vista deste detalhe que ganhou relevância. Fiquei chocada, nunca tinha concebido/percebido aquele texto, ou a obra de Safra, podendo ser lida como um longo e árduo processo de autorização de seu lugar de analista, com todo o

potencial de novos sentidos e destinos que esta perspectiva propicia. Eu ouvi um narrador-paciente.

Havia ali uma lógica inaparente?

O texto começou a desmoronar...

O título do livro já havia começado a “piscar” de um modo diferente. Porque ele estava de fato diferente quando a tese virou livro. Na versão da defesa da tese de doutorado, o título era “Momentos Mutativos na Psicoterapia Psicanalítica”, na versão para publicação o título passa a conter a palavra “psicanálise”, sendo agora “Momentos Mutativos em Psicanálise: uma visão Winnicottiana”. Como se pode notar, além da afirmação da psicanálise, há a nomeação de uma linhagem bem específica dentro da psicanálise. Que não é exatamente o tipo de psicanálise feita pelo seu analista, nem o tipo de psicologia clínica feita por seu orientador de doutorado (Ryad Simon – especialista em psicoterapia psicanalítica).

A história do texto de Gilberto pode ser lida (ou contada) como sendo, nas palavras de Ab’Sáber já citadas anteriormente, a história de sua “revolução winnicottiana”, uma arquitetura construída a serviço da apropriação de um lugar mais próprio. A história de um paciente-analista que quer forjar uma morada própria, diferente da encontrada em sua análise-natal.

Penso que seu texto pode ser entendido como um *texto-testemunho*, uma tentativa de dizer, fora da análise, mas ainda dentro dela (chama seu analista para compartilhar seu dizer) que está tentando se emancipar, tentando se diferenciar, tentando virar analista em sua própria casa.

Presta reverência a muitas autoridades (orientador, analista, Klein...), mas o faz de modo “rebelde”, dá espaço ao outro e, ainda assim, afirma, de modo enfático (mas silencioso), enrustido, seu próprio espaço. Demonstra que tem algumas dificuldades para se firmar, parece que seu processo de autorização é bem penoso, mas, apesar e por causa de seu analista e de sua análise, ele vai conseguindo construir seu texto-lugar.

O prefácio de seu analista muitas vezes visa traduzir o texto de Gilberto para uma linguagem kleino-bioniana, além de acrescentar conteúdos externos ao tema do livro. Não dedica o texto ao Gilberto, e sim ao leitor, que, segundo sua classificação, é “provavelmente um estudante ou um jovem profissional ávido por desenvolvimento”, o qual não sabe sequer o

que é a transferência. É um texto bastante professoral (no mau sentido do termo), que deixa a impressão de infantilização do leitor.

De acordo com essa perspectiva, este texto-testemunho-lugar feito por Gilberto Safra é um texto endereçado aos clínicos e à clínica psicanalítica. Concentra-se e enraíza-se no campo das experiências clínicas. É um texto técnico, um texto sobre ensinamentos de técnica psicanalítica, sem dúvida. Um texto para “analistas que querem aprender as condições para estar no consultório”, palavras de Ab’Sáber em seu prefácio.

Gilberto tematiza sobre o encontro psicanalítico, sobre as dimensões da intersubjetividade, sobre a arquitetura das relações fundamentais para a construção do psiquismo. Trata das dimensões intrapsíquicas, mas sua ênfase recai sobre as relações de objeto.

É quase um apelo ao valor de salvação que há no encontro com o outro, *desde que esse outro se posicione de uma certa maneira* em relação a quem precisa ser ajudado. Há um enorme incremento na responsabilidade do analista no decurso de uma análise, a ele é imposta a exigência de uma forte implicação afetiva nos processos de cura. A figura do analista como ocupando o lugar de *mãe suficientemente boa* ganha contornos bem definidos segundo essa perspectiva.

Os pacientes focalizados, embora Safra não se preocupe em fazer essa distinção clara, são aqueles que sofrem da chamada falha básica (Balint, 1993), aqueles que necessitam regredir e encontrar sustentação em um outro-ambiente. Nenhum caso apresentado no livro versa sobre a análise com crianças, todos são adultos, com exceção de um adolescente.

Um posicionamento epistemológico de tom fortemente empirista e clínico se expressa no estilo que predomina em seus textos: a dimensão fenomenológica e experiencial aparece sempre em evidência, a intuição e o contato direto com os processos e fenômenos levam a dianteira sobre a capacidade de construção racional e sistemática de conceitos. A proximidade com a clínica é usada para dar valor de verdade às teorias. Seus textos devem sempre ser interpretados sob o pano de fundo da experiência clínica do leitor (como analista e como paciente), o que é uma característica da psicanálise inglesa (Ulhoa Cintra, E. M., Figueiredo, L. C., 2004).

Este movimento, talvez, também possa ser explicado pela sua relação com a psicanálise, uma vez que parece ter-se aproximado dela para enfrentar seus sofrimentos, para tentar curar-se. Certamente não teve com a psicanálise uma experiência meramente intelectual, o seu envolvimento foi visceral (dá testemunho disso quando faz menção ao seu analista e ao seu tempo de análise).

Todos os casos que apresenta são narrados como casos de sucesso, segundo seu ponto de vista. Não nos mostra nenhum caso fracassado, o que nos permite inferir algo do movimento de sua retórica (produção de um movimento de idealização), no sentido de não deixar brechas para a dúvida e a incerteza sobre os pressupostos de intervenção técnica que levam à boa evolução dos casos que ele está defendendo.

A construção de seus argumentos também não deixa rastros de suas possíveis dúvidas, questionamentos, não deixa pistas de como foi construído. Não dá espaço para a divergência, exige, neste sentido, uma posição passiva do leitor. Não nos permite indagar se existem outras formas de conceber aquele processo. Não é um texto concebido especificamente para fazer pensar, para instaurar a dúvida, é um *texto para ensinar*, no sentido de transmitir um saber consolidado. O autor, assim concebido, parece não ter uma pergunta de pesquisa, seu percurso no texto nos deixa a impressão de que se trata da elucidação de um caminho já sabido. Não dá a ver um pesquisador, ao menos no modo como formata a apresentação de seus constructos.

É, definitivamente, um texto apaixonado, e por isso, belicoso. Põe em marcha um movimento revolucionário, mas silencioso, sutil, educado. Gilberto briga de uma forma silenciosa pela nomeação e legitimação de uma prática. Está em interlocução (ou contra-interlocução!) principalmente com o Kleinianismo, donde se deu sua formação.

Parece que o uso que faz da massa teórica anterior ao seu modo de conceber o que apresenta é apenas ilustrativa, como se chegar em Winnicott ou a essa matriz clínica, a essa *ética do cuidado*, fosse a evolução natural do conhecimento teórico-prático em psicanálise. Cita os autores consagrados e bastante divergentes na construção de suas concepções teórico-práticas sem hierarquia, sem obediência ao plano histórico, dando a impressão de um texto descontextualizado.

Sua forma de escrita pede que sejamos hospitaleiros, aprendizes, supõe que sejamos clínicos e queiramos curar e que compactuemos com uma certa lógica da identificação.

Oferece-se como alguém que sabe, dá segurança, tem a resposta, *não apresenta a falta...*forja (e por vezes advoga) uma ilusão de completude e fusão com o objeto.

Enfim, seu texto tem problemas e virtudes, como todos os textos, e tentar mostrar as lacunas desta construção é engendrar num processo de desidealização (necessário ao meu trabalho de leitora), processo esse que precisa ser feito pelo leitor do livro, não é um movimento que consta de forma clara na superfície do texto safriano.

A “arquitetura afetiva” de seus escritos produz um texto que podemos chamar de dogmatizante. Sofre, talvez, do que André Green, citado por Elias Mallet da Rocha Barros, prefaciador do livro já citado de Ulhoa Cintra e Figueiredo, nos alerta: “o analista ao escrever confronta-se com um paradoxo, pois pretende ao mesmo tempo comunicar e convencer, refletir e ter razão!”, o que significa que o discurso ideológico assombra permanentemente as discussões psicanalíticas.

Neste caminho, apresenta a vertente da psicanálise que estuda a *contribuição do ambiente* como sendo parte de um ponto cego aos analistas que deram muita ênfase aos fatores constitucionais. Faz uma crítica feroz ao estilo dos analistas que “ainda” não se atentaram aos movimentos de seus pacientes que pedem por acolhimento. De seu ponto de vista, estes analistas estão muito apegados aos seus pressupostos teóricos, não sabem que estão sendo exigidos em sua personalidade, que precisam se movimentar em direção aos seus pacientes se quiserem curá-los.

A dimensão do desamparo, da falta, da resistência, da pulsão de morte fica completamente incipiente em seu discurso. Poderíamos dizer que a *ética da responsabilização* aqui está empregada em relação ao analista.

Neste sentido, é preciso sair do lugar confortável e passivo de aprendiz, de estudante ou de “jovem profissional ávido por conhecimento”, de alguém que sofre por questões tematizadas pelo texto clínico de Gilberto, de alguém que gostaria de ser curado por um analista suficientemente bom, para poder enxergar/ouvir um autor que provavelmente também esteve às voltas com esse lugar-posição e que encontrou suas próprias estratégias de autorização e capacidades de “*bebê suficientemente bom*” para lidar com questões de desidealização e frustração, crescimento e desenvolvimento.

5. Lendo “A Face Estética do Self”

Leitura sistemática

“A Face Estética do Self” foi originalmente a tese de livre docência em psicologia clínica defendida por Gilberto Safra no IPUSP em 1999, e que foi publicada em forma de livro neste mesmo ano, depois de 24 anos de experiência dele como analista.

Neste terceiro trabalho Safra vai dissertar sobre o aparecimento do que ele denominou de “*símbolos de self*” e seus diversos usos clínicos. O livro é dividido em oito capítulos, além da apresentação feita por Luís Cláudio Figueiredo e da introdução.

Na introdução o autor já deixa claro que há, para ele, duas problemáticas distintas para o analista, em seu ofício de consultório na atualidade: os problemas referentes à escuta do desejo e das relações com o outro, e os problemas referentes à escuta do ser, que envolvem aspectos como a busca dos pacientes por existir, por ter sentido na vida, por se constituírem como indivíduos capazes de desejar.

Ele argumenta que os pacientes, nos dias de hoje, encontram-se em estado de dispersão de si mesmos, com uma suposta ausência da capacidade de significar e de dar sentido, e que a técnica analítica usualmente empregada (a da escuta do desejo) traz em si o risco de piorar ainda mais esta dispersão.

No outro tipo de abordagem, a da escuta do ser, o que se objetiva é o uso, pelo paciente, do campo transferencial para a constituição de aspectos fundamentais do self, possível pelo fornecimento das funções buscadas pelo paciente por parte do analista. Quando este fenômeno acontece na relação analista-analisando, Safra defende que há uma “apresentação do self” em gesto e em formas imagéticas, o que possibilita a constituição e significação do paciente frente a um outro (analista).

Para exemplificar este tipo de procedimento clínico, Safra cita o trabalho de M. A. Sechehaye, que narra o tratamento psicoterápico de nove anos com uma paciente diagnosticada com esquizofrenia. Ele faz um recorte da narrativa a fim de focalizar o episódio denominado pela paciente de “o milagre das maçãs”, que é considerado pelo autor um momento fundamental do percurso terapêutico realizado pela dupla analítica e um exemplo do que ele pretende focalizar (e defender) em sua própria tese.

Neste episódio, Renée, a paciente, sofria com uma culpa muito grande, o que a impedia de se alimentar. Entre os alimentos que se permitia ingerir estavam as maçãs verdes. A

analista levava maçãs para dar à paciente na quantidade e tempo que ela desejasse, com o intuito de suprir o que ela julgava serem suas necessidades psíquicas.

Interpretando a maçã como símbolo do “leite da mãe”, Sechehaye intui que ela deveria dar o que a paciente necessitava, de forma concreta, isto é, sendo oferecidas do modo como uma mãe daria o peito ao seu bebê. Cortava pedaços das maçãs, colocava-os sobre o peito e os oferecia a Renée em horas fixas, dizendo “É hora de beber o bom leite das maçãs da mãe. Mamãe vai dar a você”.

O que a analista, e a paciente (esta escreveu um livro chamado “diário de uma esquizofrênica”) descrevem sobre os efeitos deste procedimento é que Renée conseguiu viver pela primeira vez a realidade, agindo como se tivesse recebido o direito à vida. Ela saiu do seu estado psíquico organizado de forma esquizofrênica.

Safra, então, define alguns pontos que julga importantes no fenômeno clínico descrito. Ele afirma que tudo isso só pôde ter acontecido por que havia bem estabelecida uma situação transferencial, juntamente com o fato de que a paciente apresentava-se num modo de funcionamento característico de um bebê (estava bastante regredida) – era “alguém a espera de ser”. Houve a satisfação simbólica da necessidade de Renée, mas o autor enfatiza que o objeto da satisfação foi criado pela própria paciente.

Sechehaye interpreta o acontecido como a busca da realização simbólica de um desejo, tendo a paciente regredido à fase oral. Safra se faz a pergunta: “Ou seria a busca da possibilidade de vir a desejar?”. Colocando esta questão, ele afirma que entende o caso como sendo a descrição do processo de alguém que “não chegou a se constituir como pessoa capaz de desejar, alguém que procura existir para um outro para, então, poder vir a desejar e se relacionar”.

A conjunção da criação do objeto da necessidade e da mãe pela paciente em questão seria um exemplo de como se dá a constituição saudável do self da criança, segundo Winnicott. Isso só pôde se dar porque a analista se deixou ser criada pela paciente, fazendo parte ativa no fenômeno da ilusão constitutiva.

Safra, porém, acha que é importante refletir sobre a concretude deste objeto que se tornou instrumento de estabelecimento do self da paciente. Para que o fenômeno da ilusão ocorra é preciso que a apercepção coincida com a percepção. A maçã é objeto da realidade e objeto do mundo, ao mesmo tempo. O gesto da analista é entendido, aqui, como inaugurante

de um potencial simbolizador por parte da paciente. E este gesto é interpretado por Safra como sendo dotado de uma qualidade estética e poética.

Para o autor, o termo “estético” tem grande importância no decorrer de seu argumento, por isso julgo importante transcrever na íntegra sua própria definição, encontrada em uma nota de rodapé na página 20: “(...) Utilizo o termo estético ao longo desse trabalho para abordar o fenômeno pelo qual o indivíduo cria uma forma imagética, sensorial, que veicula sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc.”.

O que está em jogo, então, quando a constituição ou evolução do self precisa ser abordada, diferente da escuta do desejo (como a psicanálise Freudiana ensinou), segundo Safra, é a atenção ao próprio ato de criar, em que o tempo, o espaço, o gesto, o objeto e os símbolos são fundamentais *em si mesmos*, e não a redução do fenômeno “a um ou alguns significados alcançados por um processo de tradução ou interpretação”, como afirma o autor na página 21.

A partir de então, percebe-se que Safra já conseguiu introduzir seu tema: o uso de símbolos, ou melhor, a função simbolizante. Ele vai, de acordo com sua maneira própria de construir a tessitura de seus argumentos, trazer contribuições de outros autores como Lévi-Strauss, Cassirer, Langer, Solovyov, Bollas, Little e Winnicott, que pensaram sobre o fenômeno que ele procura enfatizar para, depois, firmar sua posição.

Nesta introdução, o que ele pretende fazer é uma problematização de algumas concepções de campo simbólico e sua importância na constituição de experiências psíquicas de amadurecimento. Sua argumentação segue pormenorizando a teoria do objeto transicional e dos fenômenos transicionais de Winnicott, até chegar num ponto bem específico daquilo que ele pretende tratar em sua tese: os *símbolos de self*. Transcreverei aqui o parágrafo, da página 27, que resume sua posição:

“A existência humana é de grande complexidade. Há experiências que se expressam melhor pela linguagem discursiva, outras pelos símbolos orgânico-estéticos. A linguagem discursiva parece ser o veículo privilegiado do pensamento analítico, da linguagem da precisão, da representação, das funções denotativas e conotativas para entes inseridos no espaço e no tempo. Os símbolos orgânico-estéticos veiculam o sentir, o ser, o existir: elementos que, por sua natureza, exigem o uso de símbolos que preservem a complexidade e a organicidade da experiência. Por esta razão, podemos dizer que eles não representam, mas

apresentam e abrem uma determinada experiência de sentir, existir ou ser. Neste trabalho, interessa-me um tipo específico de símbolo estético: os **símbolos de self**.”.

Mais adiante ele define sua posição-nomeação: os símbolos de self seriam símbolos-estéticos que se organizam na sensorialidade, por meio de processos identificatórios (p. 28).

Com esta colocação ele responde à pergunta que sintetiza a problemática que nos colocou inicialmente, “como ouvir o ser?”, escuta esta que seria, então, de uma outra ordem, com plataformas de interpretação muito distintas da escuta do desejo.

Para finalizar o capítulo introdutório, ele afirma que as concepções acerca do uso destes *símbolos representativos*, orgânico-estéticos, trazem contribuições importantíssimas para o trabalho cotidiano na clínica, nos problemas relacionados às perturbações de self, além de esclarecer pontos do contato entre analista e paciente, principalmente no uso da intuição.

Afirma que a intuição, assim compreendida, pode ser entendida como a capacidade de uma pessoa de apreender e compreender os símbolos de self. E o analista, quando entende este tipo de fenômeno, pode propiciar que aquele elemento, que num primeiro momento era simplesmente uma aparente forma sensorial, passe a ser a articulação de uma concepção do paciente sobre seu próprio self.

E então, Safran vai tratar da capacidade do analista de *mover-se* na direção das necessidades de seu paciente e na direção da dimensão dos fenômenos transicionais, e de compreender os símbolos de self utilizados por seu paciente (percebe-se que o caso clínico selecionado por ele no início da introdução funciona muito bem como “caso exemplar” deste tipo de intervenção analítica e de perspectiva teórica).

Em um parágrafo da introdução, que se inicia na página 29, Safran faz a “junção” das duas perspectivas teóricas que ilumina nesta introdução: “No trato com a criança ou com o paciente adulto, é fundamental que o analista possa acompanhar tanto as vivências psíquicas que se expressam pela linguagem discursiva, quanto àquelas que emergem, por meio de símbolos estéticos, como símbolos de self, articulados plasticamente no campo sensorial.”.

* * *

O capítulo I, intitulado “**A face estética do ser**”, inicia-se com um caso clínico do próprio autor. Trata-se de um adolescente de 15 anos diagnosticado como autista, que já fazia análise por 9 anos, isto é, desde seus 6 anos.

Safra conta vagorosamente a evolução deste caso. O paciente vinha de uma análise anterior, e por inúmeros meios e por muito tempo rejeitava a presença do analista como alteridade.

Passaram-se anos e a ecolalia e a repetição de atividades persistiam, embora pequenos, mas limitados progressos acontecessem. O desânimo era companheiro do analista. Mas em um determinado momento de uma sessão, o analista *escutou* algo pela primeira vez, depois de já ter *ouvido* aquilo inúmeras outras vezes. De tempos em tempos, segundo o autor-narrador-analista, o paciente parava sua atividade para emitir alguns sons, que repetia muitas vezes e depois ria daquela sonoridade produzida. E em outros momentos, quando o analista fazia uma intervenção, o paciente a repetia (ecolalia).

Estas atividades eram, anteriormente, interpretadas como algo circular e auto-erótico. No momento da *escuta inaugural*, Safra entendeu que aquilo que parecia mera repetição tinha uma marca própria. Quando o paciente repetia a fala do analista, a melodia da frase que ele dizia era diferente da melodia da fala do analista, e era uma melodia que o analista reconheceu ter ouvido inúmeras outras vezes, sem ter podido, no entanto, *escutar*. Safra diz ter pensado: “Aí está ele – na melodia!”.

A partir deste momento, o analista cantarola a melodia que o paciente tinha usado, sem utilizar as palavras da frase. E o paciente o olha fixamente nos olhos pela primeira vez, sorri, bate palmas e emite outra melodia para ser repetida. E este jogo se repetiu. Eles estavam se comunicando, pela primeira vez. Safra afirma que o que aconteceu neste “momento mutativo” foi o estabelecimento do *objeto subjetivo* (conceito winnicottiano, definido pelo autor em nota de rodapé na página 36).

O que aconteceu, na interpretação de Safra, foi que a mudança de perspectiva do analista possibilitou que o que antes era compreendido como uma “língua estrangeira” fosse agora entendido como manifestação da criatividade primária do paciente, origem de seu self. O analista não tinha percebido que, na melodia, apresentava-se o que potencialmente poderia constituir aquele garoto na relação transferencial, que a sonoridade era a maneira peculiar desta pessoa de criar o objeto subjetivo.

Era, segundo Safra, na sonoridade que este paciente tinha a possibilidade de se constituir. Ele emitia sua melodia para o espaço sem fim, e quando encontrou uma presença humana que pôde devolvê-la a ele, reconhecendo-o, assim, como *ser* e como presença singular no mundo, ecoando a singularidade de sua existência, possibilitando a ele ter um registro de vida psíquica, este garoto pôde encontrar ou reencontrar sua criatividade primária e estabelecer o objeto subjetivo, encontrando, desta maneira, o gesto criador que é o suporte para o surgimento de uma vida pulsional pessoal (ser, primeiro, para poder vir a desejar).

Em um parágrafo bastante ilustrativo, situado na página 39, o autor descreve de uma maneira simples o que ele está querendo fazer compreender:

“O bebê vive mergulhado em sinestésias, sons, temperaturas, cores e cheiros. Tenho observado que cada pessoa constitui seu self e sua maneira de ser, por meio de determinada forma sensorial que ganhou predominância no mundo do bebê que ele foi. Para alguns a visão é o sentido fundamental; para outros, o tato, ou o uso da musculatura, a sonoridade, o ritmo e assim por diante. É pela forma sensorial privilegiada para um determinado indivíduo que se abre a constituição do objeto subjetivo e seu estilo de ser. Mias tarde, em etapas de maior maturidade, teremos o próprio eu do indivíduo ancorado naquele grupo de formas sensoriais que foram os elementos constitutivos de seu self.”.

Quando há o reconhecimento desta forma sensorial por um outro, Safra diz que o que acontece é da ordem de um “encontro estético”, uma vivência de encanto e maravilhamento é experienciada. Este encontro “encantado” anuncia o emolduramento de aspectos fundamentais do self do paciente, que aguardavam a possibilidade de *via-a-ser*. As imagens que podem ser articuladas neste encontro, os símbolos de self, adquirem importância pois são *presenças de ser, ícones do ser* (para cunhar este termo faz referência à teologia do ícone russo). Estes movimentos simbolizantes tornam o não-familiar, familiar; tornam o mundo extensão do si-mesmo. O que acontece se a criança não experienciar a criação do mundo é que este lhe parecerá sem sentido e excessivamente outro.

Adiante no texto (página 47), Safra especifica ainda mais sua concepção de constituição de subjetividade: “(...) podemos notar a potencialidade do fenômeno estético na construção de si, do mundo e do conhecimento. Poderíamos afirmar que só conhecemos de maneira significativa a porção do mundo que conseguimos criar. A experiência estética não ocorre por meio das categorias sujeito/objeto e, por esta razão, dá ao indivíduo a possibilidade de, em um

único gesto, constituir-se e também criar, amar e conhecer o mundo. Esta perspectiva de compreensão da constituição da subjetividade humana é bastante presente na filosofia russa.”.

O autor enfatiza a importância das concepções de Florensky (filósofo, físico, químico, matemático e padre da igreja ortodoxa russa) para a compreensão dos fenômenos que são tratados no trabalho. Para este autor, o fenômeno estético dá entrada à pessoa para a possibilidade de ser no mundo. O *gesto criador*, para ele, pode ser visto por três vértices: a estética como beleza, o conhecimento como verdade e a relação como amor. Gilberto Safra afirma que é por este prisma que enxerga o estabelecimento do objeto subjetivo, mas adiciona o ponto de vista do “ser no mundo”, e o nomeia de *encarnação*, fazendo referência ao processo de personalização, descrito por Winnicott, por meio do qual o psiquismo começa a habitar o corpo.

No *encontro estético* há a possibilidade da organização das formas sensoriais, que, por sua vez, constituem, segundo Safra, o desenvolvimento da vida imaginativa. Neste fenômeno ocorrem ao mesmo tempo as experiências da beleza, do conhecimento, do amor e da encarnação. Por intermédio deste encontro há o estabelecimento de uma *ética do ser*. As experiências estéticas dariam, assim, as condições para que o homem se constitua no mundo. É um acontecer que se abre no corpo encontrado e transfigurado pela presença de um outro significativo, em estado de devoção.

Este encontro estético se dá no corpo, então a presença psicossomática do analista é muito importante na condução de uma análise. “Quando estamos diante de alguém, estamos em presença da maneira como essa pessoa organiza o espaço, o tempo, a relação com o outro. Os sons, os cheiros, enfim, tudo contribui para que possamos “intuir” o jeito do outro, seus sentimentos, seus sofrimentos, pois todas essas organizações plásticas nos afetam em nosso corpo” (p. 51). De acordo com o autor, o que é frequentemente chamado de intuição na literatura psicanalítica, de apreensão não-sensorial, seria uma leitura estética da maneira como a pessoa se aloja no corpo.

As vivências (encanto, horror, amor, medo, conhecer etc.) que fazem parte destas experiências estéticas constitutivas têm mais *qualidade ontológica que psicológica*. Seriam experiências ôntico-ontológicas, e estariam englobadas no que Safra denominou de *ética do ser* (conhecer o bom para seu vir-a-ser, achá-lo belo e amá-lo). Alguns sentimentos teriam função psicológica para quem os vive, enquanto outros teriam valor ontológico.

No fim deste capítulo traz alguns autores que também abordaram a questão da experiência estética na organização psíquica, na constituição do self, como Meltzer e Williams e Bollas. Discorda deles em algumas questões, principalmente no sentido de deixar claro que o impacto estético seria fruto da falha da ilusão, de falha no encontro estético com a mãe, o que é diferente de ter e manter a *experiência estética* como fundante da ilusão, sem ter o sentimento de ser aprisionado por ela.

* * *

O Capítulo II, intitulado “**Era uma vez o tempo**”, Safra afirma que, assim como a experiência do criar, a experiência do tempo parece ser fundamental para que os diversos elementos que venham a fazer parte da constituição do self sejam vividos pelo indivíduo como aspectos significativos e expressivos de seu *estilo de ser*.

Na cultura, a experiência temporal é vivida como sequencial, como fruto do deslocamento no espaço, origina-se de idéias sobre a causa e os efeitos dessas causas. O tempo, assim concebido, seria um dos elementos fundamentais para a apreensão da realidade compartilhada (ele afirma que isto é lido na psicanálise como fazendo parte dos “processos secundários”), mas Safra vai dar início à descrição de outros tipos de vivências temporais experienciadas pelo ser humano.

Inicia sua descrição com a narrativa de um caso clínico, trata-se de uma moça de 19 anos que procurou análise por sofrer com uma experiência de horror frente a sua experiência psíquica. Sofria com a ruptura cultural de sua família imigrante, vivia, segundo a interpretação do autor, na busca de uma adoção-imigração que pudesse apagar suas dores, individuais e familiares. Havia uma fenda em seu self, um quebra do sentido de tempo sequencial, o passado era vivido como um eterno presente. A solidão era eterna, não havia a presença de um outro que pudesse tornar seu terror ao menos suportável.

A partir deste quadro clínico, Safra começa a discutir o sentido do *ritmo*, como sendo um dos elementos fundamentais na articulação do encontro da mãe com seu bebê. O ritmo é compreendido como um interjogo de tensões e distensões presentes no encontro do corpo da mãe com o corpo do bebê. Seria por meio desse interjogo que o bebê recém-nascido teria a possibilidade de existir de maneira singularizada, e a organização da dupla mãe-bebê segundo

esse ritmo próprio constituiria um primeiro núcleo ao redor do qual podem se integrar elementos sensoriais (sensações táteis, sonoras, gustativas etc.) que irão compor o self daquele bebê. A sustentação deste primeiro núcleo pela mãe possibilitará que o bebê “dure”, levando-o a constituir o *tempo subjetivo*.

Pessoas que não puderam constituir essa experiência com o tempo subjetivo sofrem de um desencontro precoce entre seu ritmo e a maneira como o mundo se organizou. Sua função de realização fica prejudicada, e este conflito com a realidade pode ser chamada de “núcleo psicótico da personalidade”, pela literatura psicanalítica.

Safra, então, traz este tipo de teorização sobre o tempo para a experiência cotidiana com os pacientes no consultório. Afirma que os pacientes que apresentam este tipo de sofrimento necessitam poder organizar o processo psicanalítico (tempo e frequência das sessões e das interpretações, por exemplo) de acordo com seu ritmo pessoal. Em seguida, para ilustrar esta passagem, traz uma vinheta clínica de Winnicott e outra de uma paciente sua.

A noção de *temporalidade*, de acordo com o autor, estabelece-se no interjogo entre a presença e a ausência do outro, nas mudanças produzidas no self da criança, que podem ser vividas como passagens, e não como rupturas em seu self. Isto dará à criança os instrumentos para chegar a alcançar a vivência do *tempo compartilhado* (que é diferente do *tempo convencional*, organização do tempo estabelecida pelas medidas culturais, generalizado).

No percurso de movimentação do tempo subjetivo para o tempo convencional, inicia-se o uso do *tempo transicional*, o tempo do faz-de-conta, quando a criança pode fazer uso dos diferentes sentidos de temporalidade sem perder seu senso de continuidade. Safra diz que esse é o tempo do encantamento, um tempo virtual onde há noção de um começo, um meio e um fim. Faz aqui a afirmação de que todo estado psíquico vivido como eterno é enlouquecedor.

O tempo pode, ainda, ser o *tempo das potencialidades*. Mesmo quando o self aconteceu satisfatoriamente, sempre haverá elementos e características que estarão à espera de realização no encontro com um outro.

Mais adiante no texto, o autor traz, a título de exemplo, a transcrição de uma cena de um filme (“Asas do Desejo”, de Wim Wenders), contribuições sobre o tempo de São Máximo, o confessor, e uma vinheta clínica da análise de uma menina.

Afirma, na página 71, que “quando o desenvolvimento do self ocorre satisfatoriamente, a pessoa tem a possibilidade de viver nestes diferentes sentidos de tempo de modo que as

diferentes experiências tornam-se enriquecedoras para seu self e para seu estar no mundo com outros.”. Dito isso, ele se faz perguntas do tipo “em que elemento de sua constituição uma pessoa ancora um sentido de self deficiente?”.

Então, mais para o fim do capítulo, vai dissertar um tanto sobre o estabelecimento do que ele chama de “*estilo de ser*”. Este estilo seria a confluência das características individuais, familiares e culturais. O indivíduo sofreria tanto por não conseguir realizar potencialidades de ser, quanto por não conseguir realizar o resgate desses aspectos em seu estilo de ser.

Compreender o estilo de ser de cada paciente, em seus modelos particulares, como por exemplo o modo como uma pessoa concebe o tempo em passagem, sua existência, seu mundo e sua relação com os outros permite com que sejam encontradas as “impressões digitais” do psiquismo humano. Estes modelos irão participar da construção dos símbolos de self, do objeto transicional e da maneira como o indivíduo irá se inserir no mundo cultural. Mas algumas vezes a representação do tempo aparece em formas não figurativas, mas em ritmos e perfis sonoros – a música do self, segundo o autor. Traz um exemplo clínico seu para ilustrar o que está tentando teorizar.

Então, na última página deste capítulo (p. 75 para 76), afirma de maneira clara e resumida o que julgo ser o núcleo de sua argumentação: “(...) ao abordarmos o trabalho com o self, estaremos lidando com um tipo de fenômeno que não é apreendido por categorias analíticas, mas apenas por elementos que guardam relações analógicas com a vida. São padrões simbólicos que se articulam, como já disse, de maneira orgânica, como o fenômeno da música, da dança e da poesia. São elementos mais próximos da arte do que das categorias utilizadas nas formulações racionalistas sobre um determinado fenômeno.”.

O self, afirma ele para finalizar, acontece no mundo em um transbordamento contínuo de si mesmo. Acontece na materialidade do encontro humano e ganha morada no tempo, no espaço, no gesto e no campo sociocultural.

* * *

No Capítulo III, intitulado “**A arquitetura do self**”, Safra vai tratar do *espaço* como mais um dos elementos importantes para a constituição do self.

Começa tratando das experiências pelas quais uma criança tem de lidar desde o nascimento até sua habitação nos mais diferentes estágios de sua vida. Os dois tipos de

experiências espaciais seriam a do espaço fechado (aconchego à claustrofobia) e a do espaço aberto (liberdade e agorafobia). Para que o trânsito entre esses diferentes espaços ocorra proporcionando enriquecimento para o self, um longo caminho de desenvolvimento precisa ter ocorrido.

As diferentes funções corporais atualizam as qualidades dos encontros que o bebê teve com sua mãe, afirma o autor. Para fundamentar sua argumentação, cita o trabalho da artista plástica Lygia Clark, que realizou trabalhos terapêuticos com o que ela denominou de *objetos relacionais*, objetos (sacos plásticos cheios de água, conchas, pedras, almofadas etc.) que eram aplicados sobre o corpo de uma pessoa por outra. Fala também da já declarada importância das formas sensoriais na clínica com autistas. Cita Tustin e seu conceito de *objetos autísticos*.

Afirma que as formas sensoriais que são presenças do outro dão ao indivíduo um primeiro campo onde ele pode sentir que existe, e a criança tem então a *vivência de lugar e de extensão*. Com isso, organiza-se um *selfbidimensional*, é calor, textura, dureza etc. Através das experiências do holding do colo da mãe devotada e da amamentação, a criança terá a organização de um *selftridimensional*, quando as primeiras concepções do não-eu estarão em andamento no processo de amadurecimento, haverá um dentro e um fora, concavidades.

Um caso clínico seu vem ilustrar a questão que está abordando. Trata-se de um menino de 9 anos, com funcionamento psicótico, que, através do cuidado analítico consegue fazer o trânsito entre o espaço infinito e a tridimensionalidade.

Será, afirma Safra, entre o eu e o não-eu que surgirá a noção de um espaço que não seja só presença, mas ausência, vazio. Se as etapas anteriores no amadurecimento ocorreram de forma satisfatória, o repertório imaginativo já foi bem estabelecido para que, com ele, o indivíduo seja capaz de habitar o vazio entre ele e a mãe. Este “espaço vazio” é o *espaço potencial*, uma nova articulação do fenômeno da ilusão.

O espaço do mundo só poderá ser sentido como campo a ser explorado se a criança tem lugar e morada em seu próprio corpo e no interior do corpo materno. “Ocupar um lugar no mundo é ocupar o lugar na vida de outro”, afirma. A fim de ilustrar a ausência deste lugar e morada no interior do corpo da mãe, Safra traz mais um caso clínico, desta vez um garoto de seis anos, com o diagnóstico de autismo (p. 84).

Então, na sequência de sua argumentação, vai tratar do surgimento da capacidade de sonhar, dos fenômenos transicionais, do objeto transicional, do espaço potencial e do espaço

transicional. Na página 85, em nota de rodapé, faz uma distinção pormenorizada entre o objeto transicional e o objeto fetiche, e entre o espaço potencial e o espaço transicional. Trata, também, do surgimento do espaço sagrado (onde a subjetividade humana se abria para o mundo e para o divino, para o sublime).

A transformação do não-familiar em familiar, o mundo em um lugar pessoal, é a tarefa que precisa ser conquistada no processo de criação dos espaços transicionais e potenciais. Mas o senso de self no espaço abre não só a possibilidade de morada no mundo, mas, afirma o autor, capacita a pessoa a ter uma apreensão estética desse mundo (para exemplificar este ponto de sua argumentação traz um depoimento de Winnicott, um de Paget e a citação de estudos feitos por arquitetos que discutiram a vivência do espaço em arquitetura a partir do corpo e do self do indivíduo). Trata também do *senso háptico* (Gibson), que é uma forma de “tocar” o mundo e as coisas com toda a corporeidade, desenvolvido como habilidade de um corpo tranfigurado por vivências estéticas.

Mais adiante no texto traz três casos clínicos como ilustração: um menino de 11 anos, um homem de 37 anos e mais um homem de 33 anos. Afirma que “para compreendermos como o indivíduo se coloca e se organiza no espaço, precisaremos observar como ele compõe o espaço analítico, qual o destino que ele lhe dá, quais as virtualidades que cria (...). O analisando, seja de que idade for, cria, e organiza espaços na situação analítica, por meio dos quais podemos conhecer algo de sua história com os espaços, principalmente o que ocupou em sua vida familiar” (p. 92-93).

No fim do capítulo faz uma breve crítica à tendência, na atualidade, de pensar o espaço como uma abstração, uma coisa. Há para o autor, no mundo atual, um esfacelamento do espaço existencial, do espaço como uma das dimensões do encontro do indivíduo consigo mesmo e com os outros; estaria acontecendo um desalojamento do homem do mundo, o que facilitaria o aparecimento de rupturas de self na contemporaneidade.

* * *

No Capítulo IV, intitulado “**Da ação ao gesto**”, Safra começa questionando-se sobre o fato da psicanálise ter se ocupado tão pouco acerca da ação e do gesto do homem no mundo, uma vez que, segundo ele, é por meio da capacidade do homem de agir que se encontra o fundamento da sua criatividade.

Argumenta que a psicanálise utilizou-se da dimensão da palavra como meio privilegiado do homem para atingir o registro dos símbolos, e como a realidade psíquica é muito importante no sofrimento humano, esta dimensão (da palavra) foi tida como muito relevante no tratamento deste sofrimento. A ação, nesta perspectiva, foi vista como fruto da impossibilidade do paciente de aceder ao registro simbólico, e a consequência desta concepção foi ter seu uso limitado dentro do processo analítico.

Como o autor vem defendendo o trabalho com o acontecer do self, e esse acontecer se dá no mundo, segundo ele, a importância da ação e do gesto se fazem marcantes. Para sustentar sua argumentação, traz contribuições que vêm de fora da psicanálise, como a formulação da questão na escolástica, que afirma: “Um ser é onde age”.

Para a clínica regida pelos princípios winnicottianos, que é a clínica praticada por Safran (aqui ele afirma sua filiação categoricamente), a ação funda o self e o querer. Mas esta ação criadora depende de uma mãe que se coloque no lugar onde o bebê a crie, dando, assim, campo para que o querer do bebê surja como função de alguém existente.

Então a argumentação segue no texto no intento de descrever o percurso da ação e do gesto no processo de amadurecimento. A teoria do desenvolvimento da agressividade e dos aspectos eróticos, de acordo com Winnicott, é descrita em linhas gerais. Há o gesto que se constitui pela criação do objeto e da sensualidade, e o gesto que se constitui na oposição. O interjogo do encontro da mãe com o bebê se dá pelas zonas erógenas, permitindo que haja a organização da vida instintual, e pela oposição dos corpos, permitindo que o bebê encontre sentido para o seu movimento.

Alguns tipos de sofrimento e adoecimento decorrentes da falha na capacidade da mãe de se adaptar e permitir que o gesto seja criação do bebê são descritos para melhor ilustrar a importância desta etapa no desenvolvimento saudável do self, como quando a mãe é intrusiva no momento da amamentação, ou quando há uma ausência grande da mãe nos primórdios, que pode levar a uma situação autista ou a uma depressão anaclítica para o bebê.

O processo que está em jogo nesta etapa do amadurecimento é a personalização. O gesto cria o objeto (o mundo), mas cria concomitantemente o braço ou qualquer outra parte do corpo implicada na ação criativa (cria o si-mesmo). O gesto, segundo o autor, inaugura o criar, o conhecer e o amar (ética do ser) – aqui traz mais uma citação de Florensky.

Para ilustrar a importância desses fenômenos, descreve alguns casos clínicos, quatro de sua própria clínica e outro de Balint. Seus comentários e teorizações se dão entrecruzadas com a narrativa dos casos-exemplos clínicos.

Afirma que o movimento do corpo da criança ganha modulações, sua gestualidade é banhada em qualidades de encontro, seria uma espécie de dança, com qualidades estéticas, que coloca o corpo da criança no mundo humano, transformando-o num instrumento de fazer e num meio de expressão de vivências subjetivas. O indivíduo, apresentando-se com uma configuração gestual, melódica e espaço-temporal, cria um campo de qualidades estéticas que explicitam determinadas vivências afetivas.

Enfatiza a contribuição de Isadora Duncan, criadora de uma escola de dança para crianças, que esperava, por meio de seu trabalho com a dança, dar às crianças uma inserção mais plena no mundo.

Trata também dos aspectos étnicos dos movimentos, além de seus aspectos estético. Trata-se de uma configuração étnica que entra no mundo do bebê quando o corpo da mãe pôde se organizar segundo a criatividade primária da criança (ritmo do bebê). Por isto, diz ele, o encontro com o corpo materno é um encontro com os ancestrais. “O corpo materno é lugar de muitos”, afirma. Defende que a chamada “mãe suficientemente boa” é um fenômeno complexo, uma situação que exige uma leitura histórica.

Por fim, traz o exemplo de um vídeo sobre o processo de alimentação de bebês. Sua interpretação é que no ato da alimentação, quando este podia se constituir como um gesto compartilhado entre mãe e bebê, ocorriam ao mesmo tempo a nutrição, o jogo, uma vivência afetiva prazerosa e uma experiência estética.

* * *

No Capítulo V, intitulado “**Self e Linguagem**”, Safrin inicia sua argumentação reconhecendo a importância que a linguagem ocupou nas formulações teóricas psicanalíticas. A ele interessa, no presente trabalho, discutir outros fenômenos ligados à linguagem que possibilitam a revelação do self, uma concepção corporificada da palavra e do discurso.

Para defender a legitimidade de outras formas de organização simbólica a partir da sensorialidade, além das formas discursivas, cita Langer, Cassirer e Whitehead. A ordem *apresentativa*, em lugar da representativa, dos materiais simbólicos dados ao nosso sentido

forneceria o entendimento que se reflete diretamente no padrão de reação física, impulso e instinto. Safrin se pergunta: “A ordem das formas perceptivas não poderá, então, constituir um possível princípio para a simbolização e, portanto, a concepção, a expressão e a apreensão da vida impulsiva, instintiva e senciente? Um simbolismo não-discursivo de luz e cor, ou de tom, não poderá ser formulativo dessa vida?” (p. 117).

O autor considera, porém, que a organização simbólica só acontece a partir do estabelecimento do não-eu e da entrada no campo dos fenômenos transicionais. Antes disso, a articulação dos aspectos sensoriais do self seriam organizações estéticas do self, e não simbolismo.

Do ponto de vista da linguagem, Safrin afirma que é no fenômeno articulado ao redor da *sonoridade* que esta é reveladora do self. O perfil sonoro constituído na interface entre mãe e bebê funciona como um idioma idiossincrático que possibilita à mãe compreender o que a criança está experimentando, enquanto que, do ponto de vista da criança, os elementos sonoros são a própria mãe. O som é a mãe e a própria possibilidade de ser da criança, o som passa a ser expressão de vida e lugar no mundo.

No momento em que a sonoridade ganha valor de representação, a criança utiliza elementos sonoros criando um idioma onomatopéico, que dá a ela a experiência de contato e conhecimento do mundo pelo uso lúdico da sonoridade. O corpo se estende sobre o mundo e o torna habitado e animado, houve a constituição de uma fala que revela o self em formas poéticas.

Na sua construção argumentativa, traz comentários de Rousseau e de Alfredo Bosi. Logo coloca um caso clínico seu, uma criança de aproximadamente 3 anos que ainda não falava.

A fala, afirma o autor, nomeia experiências no tempo e no espaço, ao mesmo tempo que apresenta em historicidade o estilo pelo qual o indivíduo se situa no tempo e no espaço do mundo. É a apresentação de seu estilo de ser, revela seu percurso pela vida e sua origem étnica. E mais, falar torna-se uma maneira especializada do brincar. Tratando desta dimensão do brincar, cita Simone Weil e sua concepção sobre o “gesto verbal”, a linguagem como forma de ação sobre o mundo.

Transcrevo aqui um parágrafo que julgo ser bastante sintético sobre o assunto deste capítulo: “Do ponto de vista discursivo, pela escuta flutuante, pode-se analisar o psiquismo do

paciente. Na perspectiva de um entendimento em que a fala-poesia é desvelamento do self, a questão não é mais a análise do discurso, mas sim o sustentar da função poética-constitutiva. O que permite ao paciente colocar em marcha o contínuo processo de criação do mundo e de si mesmo. No primeiro nível, o trabalho é desconstrutivo; no segundo, ele se caracteriza por localizar os elementos estéticos da fala do analisando que apresentam seu estilo de ser.”. (p. 123).

No fim deste capítulo, trata da construção poética de si mesmo, que está em jogo desde as primeiras sessões de análise. Esta construção seria, para o autor, a articulação do espaço, do tempo, do movimento, da poesia e das imagens utilizadas pelo paciente, e que guardam entre si uma coerência interna, apresentando um estilo de ser, reflete sua singularidade. E, para que esta construção possa acontecer, o enquadre na situação analítica precisa facilitar o aparecimento do espaço potencial (aqui traz a contribuição de Green sobre o “relacionamento potencial”), que só ocorrerá, por sua vez, se a presença subjetiva do analista contemplar a presença subjetiva do analisando.

* * *

No Capítulo VI, intitulado “**A materialidade do self**”, Safra começa criticando uma certa tendência da psicanálise em pensar os fenômenos humanos e a clínica psicanalítica como sendo um recorte de um mundo interno abstraído do contexto existencial do indivíduo.

Afirma que Winnicott, com seus conceitos de objeto e fenômenos transicionais, abriu uma perspectiva importante para a compreensão da constituição do self em sua materialidade, do encontro da vivência subjetiva com a materialidade do mundo objetivamente percebido.

Mas, discordando de Winnicott, ou melhor, ampliando as concepções deste último, Safra afirma que encontrou na filosofia russa inspiração para pensar as dimensões da sensorialidade do self. Diz que a tradição intelectual russa preocupa-se com o mistério das coisas e dos objetos materiais como *códigos fenomenológicos do ser*. No pensamento russo há uma ênfase no *ontologismo*.

O autor comenta que é possível encontrar na produção intelectual russa uma grande quantidade de trabalhos filosóficos, teológicos e artísticos que abordam o que chamaríamos de fenômenos transicionais. Para ilustrar sua perspectiva, cita o trabalho de Pogacar, que foi

quem produziu os *Arquivos Líricos*, com a colaboração do poeta Aristov, do filósofo Epstein e do artista Kabakov.

Estes arquivos tentavam revelar a significância de objetos usados no cotidiano, que, pelo fato de terem sido utilizados por alguém, traziam uma história emocional. Os arquivos guardavam os chamados *objetos líricos*: chaves, canetas, canecas, roupas etc. Sua importância não era econômica, residia na experiência pessoal e irrepetível dos indivíduos que interagiam com eles. No mundo pós-moderno, escreve Safra, “o lugar dos objetos como articuladores de história e da tradição de uma comunidade foi rompido, e o olhar que descobre os objetos líricos procura restabelecer a realidade da “coisa” como pouso e passagem da vida humana.”(p. 130).

Têm-se, nesta classe de objetos, um tipo de fenômeno transicional em que se busca resgatar o lugar humano em um mundo fragmentado pela tecnologia e pelo consumismo. Eles apresentam a história da passagem de pessoas pelo mundo.

Para ilustrar o fenômeno que está tentando elaborar teoricamente, traz um caso clínico de um garoto de 16 anos. Este caso trata mais especificamente do objeto lírico.

Abordando as diversas classes dos objetos transicionais, vai falar também do *objeto étnico*, que seria aquele que, em sua materialidade e sensorialidade, visa a sanar um processo de desenraizamento ou de não-constituição de aspectos do self.

Para tratar deste tipo de objeto, fala dos processos de migração e imigração, sobre o quanto eles podem deixar feridas profundas no sentimento de “si mesmo”, causar uma angústia de desenraizamento. Mais adiante no texto traz um exemplo pessoal sobre um monge que conheceu em uma de suas viagens, a narrativa de uma vinheta clínica da análise de uma senhora de 60 anos e o relato de um caso de um autor chamado Najjar.

E então, na página 138, relata uma experiência pessoal com seu *objeto de self*, que, a meu ver, vale a pena ser transcrita na íntegra:

“Quando menino, vivi por certo período com meus avós paternos. A casa de meus avós situava-se em um grande terreno onde também estava instalada a oficina de trabalho de meu avô. Ele fazia e pintava carrocerias de caminhão. Para realizar seu trabalho, utilizava-se frequentemente de uma forja e de uma bigorna. Com esses instrumentos de trabalho, meu

avô moldava os ferros que iriam segurar as madeiras das carrocerias que ele faria.

Lembro-me que era ao redor da forja e da bigorna que eu e meus primos brincávamos. Era fascinante ver a forja em ação com suas grandes labaredas e os ferros serem martelados e moldados apoiados sobre a bigorna. Era comum eu me sentar perto daquele lugar e contemplar o trabalho de meu avô. Tudo aquilo me encantava.

Mais tarde, quando visitava meu avô, então já bem velhinho, ele sempre me levava para o quintal de sua casa, onde havia uma horta, a forja e a bigorna. Com satisfação, mostrava-me as verduras que cresciam e as últimas ferramentas que havia feito na forja e na bigorna. Um dia ele me disse: *“Aqui é meu canto, passo meu tempo plantando, brincando com a forja e a bigorna, trabalho um pouco. Se não trabalhasse aqui, já teria morrido, o trabalho me mantém vivo”*.

Sempre tive um profundo respeito pela forja e pela bigorna, principalmente pela bigorna, pois era nela que o trabalho de meu avô acontecia. Dediquei minha dissertação de mestrado a meu avô. Lá eu dizia: *A meu avô que, por meio da forja e da bigorna, mostrou-me a importância do trabalho na transformação da vida.*

Levei muitos anos para conseguir desvelar o que a bigorna significa para mim e, nesta altura do percurso, sei que farei isso até o fim da vida. A bigorna está presente, de certa forma, nos rumos que toma meu pensamento e meu fazer no mundo. É claro, por exemplo, que ela está pulsando nos desenvolvimentos dos capítulos desse trabalho em que procuro enfocar o acontecer e as repercussões do self na materialidade do mundo. Ela aponta e funda minha concepção de homem e do divino.

Que objeto é a bigorna? Objeto transicional sem dúvida. Ele tem o perfil do objeto lírico, de um objeto étnico, mas fundamentalmente é o que denominei de **objeto de self**".

O objeto de self, segundo Safra, encarna o estilo de ser (fruto do encontro da constituição de uma pessoa com sua história e a história de seu meio ambiente) do indivíduo no mundo sensorial. Frequentemente é constituído no campo da realidade subjetiva para, gradualmente, ter o lugar de objeto transicional em direção ao caminho para a realidade compartilhada do mundo sociocultural. Pode ser um objeto manufaturado pelo homem, um objeto da natureza, um tipo de articulação temporal ou espacial. Pode ser composto em qualquer elemento do campo de experiência do self.

E, no decorrer do texto, traz mais um relato (longo) de análise com um menino de 10 anos.

Mais para o final do texto, nomeia mais uma classe de objetos transicionais: o *objeto artístico-religioso*, que seria a obra que instala a criação do indivíduo na história da humanidade.

E termina o capítulo tentando deixar mais claro o que ele entende por self: o self é corpo, é gesto, é ação, é acontecimento no mundo, é lugar de encontros, é a possibilidade de vir a ser (no mundo com os outros).

* * *

No Capítulo VII, intitulado “**O self no mundo**”, o autor inicia seu texto, como no capítulo anterior, criticando a postura da psicanálise e da psicologia em relação à concepção de homem que estas têm: a ênfase se daria no estudo da subjetividade, do psiquismo, da realidade interna ou do mundo interno, vértices que isolariam o ser humano e que compreenderia suas diversas manifestações psíquicas sempre a partir de uma problemática subjetiva.

Safra, porém, acredita, com Winnicott, que este tipo de *recorte* faz com que se perca de vista o fato de que o self não existe sem o outro, que o self acontece no mundo. O acontecer humano demanda a presença de um outro.

E, assim sendo, o autor traz contribuições de Hannah Arendt para o enriquecimento de sua argumentação. Ele assinala que tem encontrado intuições fecundas no pensamento dela para compreender a abordagem clínica das perturbações do self. O olhar desta autora, segundo o psicanalista, “rompe com uma visão que considera o mundo uma manifestação natural,

aponta para a singularidade de cada ser humano, reconhece a importância dos outros para o acontecer humano e enfatiza o valor da ação como forma de o bebê surgir no mundo.” (p. 148).

Neste capítulo vai versar sobre as maneiras pelas quais um bebê (e um paciente) pode entrar e se *instalar* no mundo humano. Se o encontro inicial é importante pelo estabelecimento das dimensões éticas e estéticas do self e pela criação do mundo pelo gesto do bebê, num momento posterior do desenvolvimento a criança poderá destruir sua criação do mundo, pois poderá encontrá-lo em sua durabilidade e realidade não subjetiva. Para tanto, Safra traz uma vinheta clínica da análise de um menino de 4 anos, o resumo do relato de um caso de Milner.

Fala de uma *castração do ser*, fazendo referência àqueles seres que não encontraram fecundidade no mundo, que não conseguiram humanizar-se. Com o conceito de “uso do objeto”, o autor afirma que Winnicott consegue traduzir o caminho, no desenvolvimento, para a aquisição do princípio de realidade: a passagem de relacionar-se com o objeto para usar o objeto assenta-se sobre a capacidade do sujeito de destruir o objeto para, assim, tirá-lo da sua área de controle onipotente. Mas Safra pensa que este caminhar significa mais, significa que a pessoa entra na possibilidade de não só criar o mundo, mas de criar *no* mundo. O indivíduo, assim, pode destruir o mundo para encontrá-lo em sua permanência. Com isso, pode criar o senso de privacidade.

Afirma, categoricamente, que a questão é a seguinte: “a questão não é mais a palavra, mas é o gesto. É a ação no mundo, como assinala Arendt. A palavra tem sua eficácia para a abertura de possibilidade de ser, se ela tiver função de gesto, de ação no mundo. Cabe ao analista discriminar as situações em que a ação é uma atuação, ou seja, movimento ao qual o paciente se segura para não cair no terror sem nome da ação, que é abertura de possibilidade de acontecimento no mundo” (p. 154). A seguir, Safra traz um caso de Masud Khan que vem com a função de ilustrar sua posição.

Mais adiante no texto, vai trazer novamente as contribuições de Hannah Arendt para tratar da questão do processo de *realização do self*. Articula as noções sobre o social e o privado, de Arendt, com o sentido de realização do sentido de si mesmo no mundo. O que deve acontecer, em termos de desenvolvimento do self, para que seja possível a criação da singularidade de si no mundo com outros e a criação dos “muitos” (ancestrais e sua história com todos que auxiliaram a pessoa) em si no campo da singularidade – dimensão paradoxal do

self humano. Assinala que esta perspectiva é encontrada na filosofia russa (Khomiakov, Solovyov e Florensky), nas culturas islâmica, hindu e judaica.

Com a evolução do self nestes sentidos, há a possibilidade deste se instalar no mundo, no campo social, encontrando inserções que preservem seu estilo de ser e sua história. Seria o momento da criação de um lugar na sociedade por meio do trabalho, do discurso, da obra, da ação política, da capacidade criativa acontecendo no mundo com os outros. Traz mais uma descrição de caso clínico seu (mulher de 38 anos) para ensejar seu argumento.

Depois e por causa deste caso, onde o autor interpreta que houve uma *fratura na ética do self* da paciente, ele traz a contribuição de Simone Weil para firmar sua posição acerca do sofrimento causado pela ausência da vivência de coletividade para o ser humano – a vivência de desenraizamento. Afirmar que é importante que o analista possa reconhecer esse tipo específico de sofrimento, sem reduzi-lo a um subproduto da vida pulsional da pessoa.

Na maturidade do self, termina ele, assim como foi necessário realizar a inserção do indivíduo na vida social, será também essencial que ele sinta que possa contribuir para a herança cultural da humanidade. O que parece importar não é tanto a vida singular e pessoal, mas a “vida do Homem”, através das gerações.

* * *

No Capítulo VIII, o último da tese, intitulado “**A morte**”, Safra descreve o *jogo da espátula*, descrito por Winnicott em artigo de 1941, intitulado “A observação de bebês em uma situação estabelecida”. Neste jogo do bebê com seu objeto, há o período de hesitação, o período de posse e o período da repulsa pelo objeto por parte do bebê.

O autor diz que sempre considerou esse artigo de Winnicott de fundamental importância para compreender os princípios de sua clínica. Julga que nesta analogia pode-se observar “a função fundamental que tem a espera do analista para que seu paciente realize o gesto de apropriação do mundo, o papel fundamental do tempo na condução do processo analítico, o lugar em que esses acontecimentos possam ocorrer. Mais que tudo isso, observa-se, nos três períodos descritos, o ciclo vital do self: o nascimento, o acontecer de si pela apropriação do mundo, e o gesto que cria o repúdio pelo objeto e também a possibilidade de morrer” (p. 166).

Neste ciclo vital, a morte é parte da saúde, parte da conquista criativa do processo maturacional. Só pode criar a possibilidade de morrer quem existiu - aconteceu e agiu no

mundo. A repulsa do objeto, colocada sob o domínio da capacidade criativa, permite que a separação possa ser usufruída, e não só lamentada.

Esta analogia é usada, por ele e por Winnicott, para a compreensão da necessidade do self de criar a possibilidade de morrer, de separar-se, de terminar a análise. Em suas palavras, para terminar o livro e a apresentação desta leitura sistemática:

“O indivíduo pode acolher a morte, se aconteceu e se contribuiu com suas pegadas, com sua vida, com sua singularidade, na história da humanidade. Ao morrer, delega sua vida ao espaço potencial, lugar onde encontra morada junto de todos o que existiram e/ou existirão.” (p. 167).

Leitura próxima desconstrutiva

Gilberto Safra escreve sua tese de livre docência. No decurso de sua formação acadêmica, este *gesto* também faz sentido. Acompanhando seu movimento aparentemente lógico, em escalada crescente, do doutorado à livre docência, um desenvolvimento do contexto de problemas, argumentos, base de sustentação teórica e formas de análise do objeto é percebido, novamente, sem grandes esforços.

Neste trabalho, Safra defende os mesmos argumentos que elegeu em sua tese de doutorado. Sua atenção e preocupação estão claramente dirigidas à problemática referente à qualidade dos cuidados que devem ser fornecidos por um ambiente, que se adapte satisfatoriamente, ao ser humano em estado de “potência de existir”, em estado de vir-a-ser; vir-a-ser um ser humano integrado e que esteja em relação aos outros e ao mundo. A situação de estar à margem da existência, de não conseguir adentrar no mundo, é o sofrimento que ganha relevância total no que o autor vem a chamar de “trabalho com o self”.

Gilberto constrói seu texto colocando em estado de suspeita a perspectiva psicanalítica que prioriza a escuta do desejo, que defende o uso da interpretação e do discurso representativo como ponto máximo do processo de simbolização. Este tipo de posição analítica causaria, para ele, mais “*dispersão de si*” nos pacientes que procuram o dispositivo analítico para se constituírem.

Neste seu trabalho, embora isto não fique claro em sua forma de apresentar seus passos, os pacientes focalizados são aqueles que foram acometidos por um certo tipo de sofrimento decorrente da privação da possibilidade de encontrar em um outro ser humano as condições de possibilidade para humanizarem-se. Em geral, são os chamados pacientes graves, com diagnósticos como os de esquizofrenia, autismo, psicose, borderline.

Uma lógica aparente, novamente, é o que salta aos olhos. A lógica que aparentemente se deixa ver. Ficar em silêncio, novamente, no *silêncio próprio da escuta*, me fez encontrar outra trilha interpretativa...

Gilberto é alguém que tem muita disponibilidade ao outro. *Fazer viagens a terras estrangeiras é sua especialidade*. Mas e quando a terra estrangeira é ele mesmo?

Pois é. Nestes tempos todos de minha viagem, percebo que fui gestando (abrindo um vazio em mim) um espaço para que eu pudesse aprender seu idioma, tentar entender o sentido

de seus gestos, captar as nuances de sua tradição. Com esse seu objeto, a escrita de sua tese-livro-objeto, *forja* um espaço de constituição de si mesmo junto ao outro. Nele pode brincar de contar histórias de seus feitos e encontros, associa livremente, funde-se e diferencia-se de seus ancestrais psicanalíticos, mostra seu total pertencimento à terra natal – Winnicott –, encanta-se pela terra prometida – a Rússia e seus filósofos...nele está sozinho, mas é observado e constituído, com encantamento ou horror, por muitos. *Espaço potencial entre ele e seus leitores.*

Nesta nova viagem (depois da que fiz ao seu livro-instalação Momentos Mutativos) o detalhe que ganhou relevância não foi o prefácio, embora este seja um ponto muito importante dessa outra construção (falarei dele adiante). Olhei e li, ou escutei, no silêncio daquelas construções bem moldadas, não mais um movimento do analista Gilberto Safra em relação ao seu analista e ao seu processo de formação em psicanálise, embora os ecos desta movimentação ainda estejam presentes (sempre estarão), e sim um movimento de busca por uma forma própria de dizer aquilo que já tinha ouvido antes, e mais, algo de original aparece neste seu constructo sobre as condições de desabrochamento do self: sua face estética.

O detalhe recortado foi o relato de uma experiência pessoal com seu *objeto de self* – a forja e a bigorna, mais especificamente a bigorna (transcrito na íntegra nas páginas anteriores).

Ali ele deixa claro qual foi a *sua* experiência estética fundante. A experiência com a forja e com a bigorna de seu avô parece ter organizado seu self de tal maneira que fundou sua concepção de homem, do divino...e de sua psicanálise. Sim, digo *sua* psicanálise pois penso que neste livro, além de inscrever-se numa tradição histórica da psicanálise como disciplina, inscreve-se nela de maneira criativa, pessoal. Imprime sua estética singular na maneira de conceber os princípios Winnicottianos e, mais, forja um novo objeto dentro dos objetos criados por Winnicott.

A forja e a bigorna são objetos que parecem ter formado, pela inserção na história de vida de Gilberto, uma imagem-sensação estética, uma organização plástica, muito forte e condensada. Sua vontade de saber o que este símbolo significou para sua constituição como ser humano parece que traçou os rumos de seu pensamento. A intuição de que estes objetos eram fundamentais na construção de seu lugar no mundo deu-lhe força para criar, em seu *canto no mundo* – a psicanálise – uma forma de proceder muito sua. Forjou suas próprias

“carrocerias de caminhões”, mas em sua terra, elas são livros, escritos, encontros humanos transformadores e transformados.

Se entendermos a díade forja-bigorna como seu *objeto de self*, podemos nos autorizar a fazer o movimento de escutar o texto de Gilberto como ele sugere que os analistas escutem seus pacientes:

“Este objeto, como símbolo apresentativo, como símbolo estético, tem sua força na possibilidade de veicular uma experiência, uma vivência. É a função simbolizante o que permite ao indivíduo seu atravessamento nas diferentes modalidades de estar no mundo: do estado subjetivo à realidade compartilhada.

Nossa cultura valoriza intensamente a linguagem discursiva. É muito difícil concebermos um fenômeno que não possa ser passível de decodificação. É fundamental que o analista possa acompanhar tanto as vivências psíquicas que se expressam pela linguagem discursiva, quanto aquelas que emergem, por meio de símbolos estéticos, como símbolos de self, articulados plasticamente no campo sensorial.

Para compreender o fenômeno que se apresenta, o analista precisará recorrer às articulações discursivas e imagéticas específicas do sujeito em questão, pois não é possível o uso de um referente fora da organização semântica desse sujeito, se o objetivo é realizar um trabalho que vise a evolução do self do paciente. O analista poderá vislumbrar, a partir daí, as concepções a respeito da vida, do estar no mundo, das características etno-culturais que fundamentam a subjetividade de seu paciente e de seu vir-a-ser na relação com o outro.

A sessão será mais um espaço de experiência do que um lugar de cognição. O trabalho com a transferência não será tanto feito pela interpretação decodificadora, mas pela utilização dela como campo de aparecimento do gesto que apresenta o self do paciente. Os símbolos de self articulam-se em imagens, em objetos recortados na materialidade, apresentando os enigmas da vida do indivíduo e também seu estilo de ser.”.

Acompanhando-o, segundo sua própria argumentação, percebemos como este evento de sua vida tem uma íntima conexão com o nexo de sua teorização neste livro.

Penso que neste livro ele disserta sobre sua aguda intuição em relação ao seu próprio processo de constituição, e sobre como fez disso instrumento para ajudar no desenvolvimento do self de seus analisandos. Mas como fez isso? Como fazer isso? De novo: como dar forma e legitimidade a uma intuição e a uma experiência emocional e intelectual?

Ele se transformou em um psicanalista escritor que abre sua clínica (é muito generoso em relação à “abertura das portas” de seu consultório) e tenta mostrar como trabalha lá. E o jeito com que trabalha tem fortíssimas raízes winnicottianas (como já sabíamos desde seu último trabalho).

A tradição ao qual tentou pertencer anteriormente não gerou este tipo forte de identificação, como o que pôde acontecer em sua relação com Winnicott. Parece que daquela tradição Freud-Kleiniana ele precisou se distanciar, se proteger. Neste texto ele não cita ao menos uma vez nem o Freud e nem a Klein. Queria ser analista, mas não daquele jeito.

Parece que aprendeu tão bem o “jeito winnicottiano” de fazer psicanálise que conseguiu (ou se autorizou) inovar. Perceber nuances que o próprio Winnicott não percebeu – novas categorias de objetos transicionais, novas formas de enunciar, nomear e perceber o que está em jogo quando o jogo se dá no espaço de constituição dos fundamentos do self.

As fases do desenvolvimento emocional primitivo, de Winnicott, são descritas como quem as conhece profundamente, mas aí é que está sua diferença: ele não presta reverência ao Winnicott, não reproduz seu estilo e técnica. Ele *usa* o que aprendeu do Winnicott. Está em comunhão com seus princípios clínicos, com sua ética.

Ele não pretende, em seu livro, fazer uma sistematização de seus conceitos e de sua técnica – quer usá-los em prol de si mesmo e de seus pacientes. Seu intento é acessar as pessoas que vêm até ele. Está constantemente embebido no calor da clínica, não despende tempo com categorizações e definições detalhadas. Faz algumas citações de maneira pró forme – parece que por vezes lembra que seu leitor não conhece tão bem Winnicott.

Winnicott, neste texto, funciona como sua bigorna. A forja é ele mesmo. O produto deste encontro é a feitura de uma teorização híbrida, livre e respeitosa.

O prefácio deste livro foi feito não mais por seu analista, mas por um colega de profissão. E o que Luís Cláudio Figueiredo faz nesta “contação” da história do livro? Dedicar o prefácio à coragem do livre pensar de Gilberto. Aconselho a leitura deste prefácio na íntegra, mas transcreverei aqui algumas partes que julgo muito apropriadas para a compreensão deste “elogio embasado”:

“O que move este livro, essa Tese, é bem mais que o desejo ou a necessidade de corresponder a uma exigência um tanto burocrática. Trata-se de um momento nem o primeiro nem, esperamos, o último do longo processo em que, há pelo menos 25 anos, Gilberto Safrá

vem se dedicando ao cultivo e à construção de si, à criação de um terreno e de um estilo próprio de ser psicanalista. (...) ele vai, ao longo do percurso, entrando em contato com seus diversos “outros”, vai se diferenciando deles, para ir, enfim, abrindo uma trilha muito pessoal que, se em certo sentido é solitária, em outro está repleta de vozes as mais variadas. É destas sonâncias e ressonâncias, às vezes dissonâncias, que a voz própria de Gilberto Safra se alimenta, e é sobre o pano de fundo destas outras vozes que a dele se cria em sua mais própria dicção. (...) Como reconhecer, como cultivar, como fazer desabrochar o self em sua estética própria, em seu modo singular de ser, em seu estilo? Estas as questões da clínica, estas as questões da vida, tais como concebidas pela psicanálise de Gilberto Safra e que lhe exigiram anos de laborioso amadurecimento. Porém, antes e mais que tema de seu discurso, a singularização foi efetivamente exercitada por ele ao longo de todo o trajeto. Só que este exercício, infelizmente, é o que não pode ser ensinado, (...) O exercício da liberdade de pensar e criar pode ser apenas... praticado.”

6. Considerações (ou Reconstruções) Finais

“Conhecer certos grandes autores (...) é sempre mais que expor e dominar suas teses. É preciso deixar-se arrastar pelo movimento de sua produção inquietante.”

Elisa Maria de Ulhoa Cintra e Luís Cláudio Figueiredo

Gilberto Safra – Suas teses

As teses centrais que compõe o pensamento psicanalítico de Safra neste recorte de sua obra são as mesmas teses do pensamento Winnicottiano. Ele está sempre pensando em termos de desenvolvimento emocional, principalmente em termos de desenvolvimento emocional primitivo.

Neste sentido, usa os conceitos da teoria do amadurecimento de Winnicott como fundamento de sua concepção do que seja a constituição da subjetividade. A ênfase nos estágios iniciais do desenvolvimento faz com que, por este prisma, o que esteja em questão sejam as necessidades humanas fundamentais e a condições ambientais necessárias, que se constituem nos meandros da relação mãe-bebê. A conjunção das tarefas do bebê em complementaridade com o suporte dado pelo ambiente-mãe permitiria a constituição laboriosa da identidade unitária, incluídas aí a capacidade dele de se relacionar com o mundo e com os objetos externos, e de estabelecer relacionamentos interpessoais (Dias, 2003).

As tarefas básicas destes estágios primitivos descritas por Winnicott – a integração no tempo e no espaço, o alojamento da psique no corpo (personalização), o início do contato com a realidade (as relações objetais) e a constituição do si mesmo primário -, além de processos relativos aos estágios da chamada dependência relativa – a transicionalidade, o estágio do uso do objeto -, são o *pano de fundo* das “elucubrações práticas” de Safra. Ele trabalha na clínica de acordo com os princípios Winnicottianos.

Conceitos como a ilusão, a mãe suficientemente boa, o espaço potencial, a criatividade primária, os fenômenos e objetos transicionais, o objeto subjetivo são usados para dar contornos aos casos clínicos e sustentação teórica ao que Gilberto vive em sua clínica.

A *importância fundamental do outro na constituição do ser humano*, em suas mais diferentes funções, talvez seja o ponto crucial, a viga central de construção da concepção de teoria, clínica e, principalmente, de ética de Winnicott e, *portanto*, de Gilberto. Essa importância traça os rumos de sua insistência na responsabilidade que o analista tem na (boa

ou má) condução da análise e da cura de seus pacientes. Esta temática costura e sustenta toda a sua argumentação. É quase um apelo ao valor de salvação que há no encontro com o outro, *desde que esse outro se posicione de uma certa maneira* em relação a quem precisa ser ajudado. Há um enorme incremento na responsabilidade do analista no decurso de uma análise, a ele é imposta a exigência de uma forte implicação afetiva nos processos de cura. A figura do analista como ocupando o lugar de mãe suficientemente boa ganha contornos bem definidos segundo essa perspectiva.

Sua fé, então, se baseia no poder curativo do encontro humano, na potência da relação transferencial e contratransferencial, mais ainda, na potência da relação real entre os seres humanos que ali se encontram para, por que não dizer, se constituírem. Interessa-se profundamente por desvendar o que acontece no plano da intersubjetividade humana, da arquitetura das relações fundamentais para a construção do psiquismo.

Centraliza, então, sua ênfase no fator ambiental como condição de possibilidade fundamental para a eficaz constituição subjetiva. Não resta dúvida de que pode ser criticado por ter colocado muita ênfase nesta dimensão, embora reconheça, até certo ponto, a importância do fator constitucional – as noções de criatividade primária e de self central são exemplos disso.

A análise seria um dispositivo que ajuda na evolução ou no resgate da possibilidade de evolução da personalidade do indivíduo, em aumentar a capacidade de contato consigo mesmo e com o mundo, ao mesmo tempo. Esta evolução seria fruto do encontro da necessidade psíquica do paciente com a função proporcionada pelo analista. A clínica funcionaria, aqui, como um segundo nascedouro, uma outra chance, para o paciente, de encontrar um lugar para o resgate de sua história com seu meio ambiente.

A sustentação e o sucesso do processo dependem da capacidade que o analista tem de *compreender* do que é que seu paciente necessita e de se *mover* em direção ao suprimento desta necessidade. A famosa dicotomia entre a escuta do desejo e a satisfação das necessidades está aqui presente.

Seus casos clínicos, e os demais casos relatados nos livros, são, em sua maioria, ou de pacientes com diagnósticos graves (psicose, autismo, patologia borderline, esquizofrenia) ou de pacientes que precisaram regredir em algum momento de sua análise. Mas esta caracterização é difícil de ser feita, é um trabalho que ele mesmo não se propõe a fazer. Uma

vez que sua ênfase, por conta de seus pressupostos teóricos e concepção de cura, recai sobre as funções do ambiente – do analista – as características psicopatológicas de seus pacientes declinam para um plano superficial.

Como não considera o psiquismo em si mesmo como uma mônada fechada (tendência ao solipsismo), e interessa-se muito pelo plano dos acontecimentos intersubjetivos, Gilberto Safra, assim como Winnicott, não encontra em Klein (e em Freud) tantas ressonâncias.

Sinteticamente, as teses específicas movimentadas em seus dois momentos de elaboração textual seriam, então, as seguintes:

No texto “Momentos Mutativos”, os pacientes em tratamento passariam por *períodos de análise convencional*, onde o trabalho se dá no trato com as angústias, defesas e com a transferência, por meio da interpretação verbal, e o que se objetiva são as transformações e os insights e por momentos de *regressão à dependência*, onde a confiança já estabelecida no processo permite que o paciente consiga expor uma busca na, relação terapêutica, de uma necessidade psíquica que não pôde ser satisfeita ao longo de seu desenvolvimento emocional (na livre docência, afirma que este processo pode ser entendido/nomeado como a “lição de objeto”, descrita por Winnicott).

O trabalho, aqui, se dá pela adaptação do analista às necessidades não suprida de seu paciente, por meio do manejo, e o que se objetiva é a produção de uma profunda modificação no padrão de suas relações objetais. A regressão é superada e volta-se à atividade interpretativa regular.

No texto “A Face Estética”, parece que há no pensamento de Safra um aprofundamento de sua pesquisa sobre o que acontece nos momentos mutativos. Há uma ênfase na capacidade de aprimoramento do analista em perceber do que é que seu paciente precisa. Atento às fases do desenvolvimento emocional (a divisão dos capítulos seguem as fases de dependência absoluta da teoria do amadurecimento de Winnicott), à capacidade criativa do ser (como critério diagnóstico entre saúde e doença), ao tipo de sofrimento que seu paciente vivencia (típico do ser desejante ou do ser que quer existir no mundo para poder desejar?) e ao que significa o trabalho com o self, percebe e nomeia formas de criação e uso do objeto subjetivo. Ele afirma que o ser humano (e não mais seus pacientes - aqui se percebe uma tendência à universalização de seu pensamento) cria e se constitui em plataformas estéticas, e o trabalho

deste livro seria fazer compreender ao analista a necessidade da sensibilização para este tipo de *escuta do sensível*.

Os temas tratados nos dois textos ainda são os mesmos (uso e alcances da interpretação verbal, pensamento representacional versus pensamento pré-verbal, análise como lugar de experiência versus lugar de cognição, ênfase no fator constitucional, mas há uma evolução no trato com suas problemáticas, na forma de elaborá-las e comunicá-las, e no alcance de seu pensamento – sua extensão é endereçada para além da individualidade de *seus* pacientes.

Os diferentes momentos de uma análise já não são o que importa, a diferenciação fica por conta, agora, do tipo de escuta – qual a escuta que pode ouvir o sofrimento específico de um paciente que ainda não existe como ser integrado? Safrá muda de perspectiva, adentra em um plano mais teórico. Não é mais a descrição de uma técnica de intervenção na clínica, é a concepção mais acurada de um plano de leitura/escuta dos fenômenos que presencia em sua clínica, que já é uma clínica totalmente baseada nos princípios winnicottianos.

Gilberto Safra – Seu estilo

Falar de Gilberto Safra é, pois, falar de Winnicott.

Seu compromisso, como o de Winnicott, também é com uma ética do cuidado concreto para com o outro (Araújo, 2005), com uma ética para a realidade (Ab'Saber, 2009), com uma ética ferencziana (Ulhoa Cintra e Figueiredo, 2004).

Seu critério epistemológico, por assim dizer, tem o tom fortemente empirista e clínico, e isso se expressa no estilo que predomina em sua escrita: a dimensão fenomenológica e experiencial aparece sempre em evidência, a intuição e o contato direto com os processos e fenômenos ganham relevo sobre a capacidade de construção racional e sistemática de conceitos.

A proximidade com a clínica é usada para dar valor de verdade às teorias. Seus textos devem sempre ser interpretados sob o pano de fundo da experiência clínica do leitor (como analista e como paciente), o que é uma característica da psicanálise inglesa.

Concentra-se e enraíza-se no campo das experiências clínicas. É um texto técnico, um texto sobre ensinamentos de técnica psicanalítica, sem dúvida. Um texto para analistas que querem aprender as condições para estar no consultório.

Entre os dois momentos que analisamos neste trabalho, percebe-se que houve uma mudança na forma de Safra se comunicar, de se posicionar, de elaborar sua matéria psicanalítica.

Na “Face Estética do Self”, os diferentes momentos de uma análise já não são o que importa, a diferenciação fica por conta, agora, do tipo de escuta – qual a escuta que pode ouvir o sofrimento específico de um paciente que ainda não existe como ser integrado? Safra muda de perspectiva, adentra em um plano mais teórico. Não é mais a descrição de uma técnica de intervenção na clínica (como nos “Momentos Mutativos”), é a concepção mais acurada de um plano de leitura/escuta dos fenômenos que presencia em sua clínica, que já é uma clínica totalmente baseada nos princípios winnicottianos.

No momento de escrita de sua livre docência, parece que Gilberto não precisa mais lutar para defender uma posição – a de analista Winnicottiano, ali ele já se autorizou a este outro plano, e então pode pesquisar com mais intensidade e especificidade.

Os produtos desta autorização são muitos: uma escrita mais fluida, um linguajar plenamente Winnicottiano, uma liberdade no uso de autores extra-psicanalíticos, uma afirmação de sua própria maneira de encarar os constructos de Winnicott, e inovar dentro desta tradição.

Percebemos, então, que ele não faz psicanálise como quem quer encontrar as causas e consequências dos mecanismos que fazem o aparelho psíquico funcionar, ou deixar de funcionar. Ele faz psicanálise como quem quer encontrar e ser encontrado.

Ele é um contemplador. O mistério sempre o atravessou. Ele pousa nas coisas. Ele tem uma escrita poética. Mas talvez seja um poeta da palavra falada...a coerência de um epistemólogo não é seu forte, gosta é de gente. Gosta é de falar do que sente na presença das pessoas e dos acontecimentos do mundo. O calor de sua clínica se deixa entrever por meio de suas explicações sobre o encontro humano entre analista e analisando.

Ele gosta é de descrever. Gosta de narrar o que sente em seu corpo na presença de outros. Gosta de acompanhar movimentos de espírito. É espelho que responde.

Mas gosta mais ainda de nomear.

Seu trabalho de singularização é seu trabalho de nomeação. Busca uma língua própria. A interlocução com a psicanálise anterior não lhe bastou. E parece que nem a língua winnicottiana lhe bastou. Quer muito achar sua língua própria, seu próprio modo de dizer o que aprendeu e viu.

Sua aposta é no idioma pessoal. Numa antropologia do outro. Seu fascínio é por saber como compreender aquele outro, e, porque faz psicanálise na clínica, essa compreensão está a serviço de auxiliar este outro a encontrar-se a si próprio.

Para tanto, foi preciso sair do lugar confortável e passivo de aprendiz, de estudante ou de “jovem profissional ávido por conhecimento”, de alguém que sofre por questões tematizadas pelo texto clínico de Gilberto, de alguém que gostaria de ser curado por um analista suficientemente bom, para poder enxergar/ouvir um autor que provavelmente também esteve às voltas com esse lugar-posição e que encontrou suas próprias estratégias de autorização e capacidades de “bebê suficientemente bom” para lidar com questões de desidealização e frustração, crescimento e desenvolvimento. – sair do lugar de estudante e ouvi-lo como “analista”.

Poder habitar uma “ética comprometida com a manutenção da tensão entre, de um lado, forças solidárias e coesivas, e, de outro, forças desintegradoras e destrutivas, sem a recusa destas e sem idealização daquelas”, como afirmam Ulhoa Cintra e Figueiredo (2004) é sinônimo de trabalho psíquico árduo e adulto.

Por fim, compreendi que a escrita de Safra deixa entrever o tortuoso movimento de busca de um analista por sua morada conceitual, ética e estética. O que está em jogo é sempre o processo de singularização: do analista, do paciente e das possibilidades de se fazer teoria e clínica psicanalíticas nos tempos atuais

E eu?

Entre a paixão e o amor, continuo tentando me equilibrar...

A Forja, o Fogo, o Martelo e a Bigorna

A Forja aquece,
o Fogo queima,
o Martelo bate, deforma e dá forma,
a Bigorna apóia, rebate, tilinta,
aquece a Forja,
queima o Fogo,
bate o Martelo,
tilinta a Bigorna.

Sofre o Ferro,
aquecido pela Forja,
queimado pelo Fogo,
batido pelo Martelo,
importunado pela Bigorna.

Em brasa o Ferro,
perdeu sustentação,
fragilidade exposta,
transitória condição.

Devolvida a feição,
com nova configuração.

Mais forte e bonito,
ativo também,
retorna para a vida,
em busca do que lhe convém.

Jorge Francisco

7. Referências Bibliográficas

Ab'Sáber, T. A. M. A criatividade de Winnicott. *Mente e Cérebro* - Coleção memória da psicanálise: Winnicott, os sentidos da realidade. São Paulo, 2 ed. P. 66 – 71, 2009.

Anderson, S. R. e Hoplins, P. *O jardim sagrado: a dimensão espiritual da vivência feminina*. São Paulo: Saraiva, 1993.

Araújo, T. W. *Tradição e originalidade na obra de D. W. Winnicott*. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

Balint, M. *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Bollas, C. *A sombra do objeto*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

Dias, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Figueiredo, L. C. A fabricação do estranho: notas sobre uma hermenêutica 'negativa'. *Boletim de novidades da pulsional*, 57, 17-22. 1994.

Figueiredo, L. C. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.

Kanaan, D. *Escuta e Subjetivação: a escritura de pertencimento de Clarice Lispector*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

Loureiro, I. Sobre algumas disposições metodológicas de inspiração freudiana. In.: Queiroz, Edilene Freire de & Silva, Antonio Ricardo R. da. (orgs). *Pesquisa em psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2002.

Rilke, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Safra, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. 4 ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras: São Paulo: Unimarco Editora, 2005.

Safra, G. *A pó-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Idéias e Letras. 2004.

Safra, G. *Momentos mutativos em psicanálise: uma abordagem Winnicottiana*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

Site: www.sobornost.com.br

Ulhoa Cintra, E. M., Figueiredo, L. C. *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.